

ISSN 18078834

# BNB

## Conjuntura Econômica

Periódico elaborado pelo  
Escritório Técnico de Estudos  
Econômicos do Nordeste

# 58

jan/mar - 2019

## OBRA PUBLICADA PELO



### PRESIDENTE

Romildo Carneiro Rolim

### DIRETORES

Antônio Rosendo Neto Junior

Cláudio Luiz Freire Lima

José Max Araújo Bezerra

Nicola Moreira Miccione

Perpetuo Socorro Cajazeiras

### ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE – ETENE

Luiz Alberto Esteves

Economista Chefe

Tibério Rômulo Romão Bernardo

Gerente de Ambiente

Airton Saboya Valente Junior

Gerente Executivo – Célula de Estudos e Pesquisas

Macroeconômicos

### CORPO EDITORIAL

Editor-Científico

Luiz Alberto Esteves

Editor-Chefe

Tibério Rômulo Romão Bernardo

Editor-Executivo

Airton Saboya Valente Júnior

### EQUIPE TÉCNICA

Nível de Atividade Econômica

**Allisson David de Oliveira Martins**

**Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão**

Produção Agropecuária

**Jackson Dantas Coêlho**

Produção Industrial

**Liliane Cordeiro Barroso**

Serviços e Comércio Varejista

**Núcleo de Pesquisas Econômicas - NUPE**

Mercado de Trabalho

**Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão**

Comércio Exterior

**Laura Lúcia Ramos Freire**

Finanças Públicas e Cesta Básica

**Antônio Ricardo de Norões Vidal**

Intermediação Financeira e Índice de Preços

**Allisson David de Oliveira Martins**

### COLABORAÇÃO

Estagiário

**João Marcos Rodrigues da Silva**

Jovem Aprendiz

**Sarah Lucena Barros**

**Yago Carvalho Lima**

Tabulação de Dados

**Bruno Gabai**

**José Wandemberg Rodrigues Almeida**

Revisão

**Hermano José Pinho**

Diagramação

**Gustavo Bezerra Carvalho**

### PARTICIPAÇÃO

**Nicolino Trompieri Neto**

**Ricardo Eleutério Rocha**

Economistas, Professores da Universidade de Fortaleza - Unifor  
Pesquisadores do Núcleo de Pesquisas Econômicas - NUPE.

**Augusto Germano Arruda Moura**

**Bruno Edson Sousa Silva**

**Hauary Pérez Gómez**

**Ítalo Pereira da Rocha**

**Renan Antoniacomi Magalhaes**

Graduandos em Economia, Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Estagiários do Núcleo de Pesquisas Econômicas - NUPE.

### Banco do Nordeste do Brasil S/A

#### Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE

Av. Dr. Sílas Munguba, 5.700 - Bloco A2 - Térreo  
Passaré - 60743-902 - Fortaleza (CE) - BRASIL

Telefone: (85) 3251-7177

Cliente Consulta: 0800 728 3030

Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB.

É permitida a reprodução das matérias desde que seja citada a fonte.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme lei nº. 10.994, de 14 de dezembro de 2004

BNB Conjuntura Econômica - Edição 58  
(Janeiro - Março 2019).  
Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2019

ISSN 18078834

Economia – Brasil – Nordeste – Periódico. I. Banco do Nordeste do Brasil.

CDU 33(812/814) (11)

## SUMÁRIO

1 Atividade Econômica .....	04
2 Produção Agropecuária .....	08
3 Produção Industrial.....	11
4 Serviços.....	18
5 Comércio Varejista .....	20
6 Mercado de Trabalho.....	22
7 Comércio Exterior.....	26
8 Finanças Públicas.....	34
9 Intermediação Financeira.....	36
10 Índices de Preços.....	38
11 Cesta Básica.....	40

# 1 Atividade Econômica

## Brasil

O Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil recuou 0,2% no primeiro trimestre de 2019 em relação ao quarto trimestre de 2018. A Agropecuária (-0,5%) e a Indústria (-0,7%) caíram, enquanto os Serviços aumentaram moderadamente (+0,2%). Foi o primeiro resultado negativo nessa comparação desde o quarto trimestre de 2016 (-0,6%). As informações são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Dentre as atividades industriais, o declínio foi influenciado pelas Indústrias Extrativas (-6,3%), Construção Civil (-2,0%) e Indústrias de Transformação (-0,5%). Por sua vez, a atividade de Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos (1,4%) registrou incremento.

Quanto aos Serviços, resultados positivos foram obtidos para as atividades de Outros serviços (0,4%), Intermediação financeira e seguros (0,4%), Administração, saúde e educação pública (0,3%), Informação e comunicação (0,3%) e Atividades imobiliárias (0,2%). Por outro lado, as atividades Transporte, armazenagem e correio (-0,6%) e Comércio (-0,1%) alcançaram resultados negativos.

No acumulado nos quatro trimestres terminados em março de 2019, o PIB expandiu 0,9%, comparado aos quatro trimestres imediatamente anteriores. Referido desempenho resultou do avanço de 1,0% do Valor Adicionado a preços básicos e de 0,7% nos Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios.

Pela ótica da oferta, a Agropecuária (+1,1%) e os Serviços (+1,2%) cresceram, enquanto a Indústria permaneceu estável (0,0%).

Dentre as atividades industriais, Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana (+3,3%) registrou maior expansão, enquanto que Extrativa Mineral (+0,6%) e Indústria da Transformação (0,1%) apresentaram moderado aumento. A Construção, por sua vez, sofreu contração de 2,0%.

Em termos de Serviços, destaque para as Atividades imobiliárias, com expansão de +3,2%. Seguem as demais: Informação e comunicação (+2,0%), Transporte, armazenagem e correio (+1,5%), Comércio (+1,3%), Outras atividades de serviços (+1,0%), Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (+0,4%) e Administração, defesa, saúde e educação públicas e seguridade social (+0,2%).

Quanto à demanda, a Formação Bruta de Capital Fixo apresentou alta de 3,7% e a Despesa de Consumo das Famílias de 1,5%. A Despesa de Consumo do Governo (+0,1%) obteve moderado crescimento. Quanto ao setor externo, as Exportações de Bens e Serviços cresceram +3,0%, enquanto que as Importações de Bens e Serviços registraram expressiva expansão (+5,8%).

Tabela 1 - Taxa de crescimento (%) do PIB, componentes da produção e componentes da demanda

Últimos quatro trimestres / quatro trimestres imediatamente anteriores (%)		2018.I	2018.II	2018.III	2018.IV	2019.I
<b>PIB a preços de mercado</b>		1,3	1,4	1,4	<b>1,1</b>	<b>0,9</b>
<b>Ótica da produção</b>	Valor adicionado bruto da agropecuária	5,5	1,8	0,4	<b>0,1</b>	<b>1,1</b>
	Valor adicionado bruto da indústria	0,3	1,0	1,3	<b>0,6</b>	<b>0,0</b>
	Valor adicionado bruto dos serviços	1,3	1,5	1,5	<b>1,3</b>	<b>1,2</b>
<b>Ótica da demanda</b>	Despesa de consumo das famílias	2,3	2,6	2,3	<b>1,9</b>	<b>1,5</b>
	Despesa de consumo do governo	-0,3	-0,1	0,2	<b>0,0</b>	<b>-0,1</b>
	Formação bruta de capital fixo	-0,6	2,0	4,3	<b>4,1</b>	<b>3,7</b>
	Exportação de bens e serviços	6,1	4,6	3,3	<b>4,1</b>	<b>3,0</b>
	Importação de bens e serviços (-)	4,6	7,0	9,1	<b>8,5</b>	<b>5,8</b>

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Em valores correntes, o PIB totalizou R\$ 1,714 trilhão no primeiro trimestre de 2019, sendo R\$ 1,462 trilhão referente ao Valor Adicionado (VA) a preços básicos e R\$ 251,5 bilhões aos Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios.

Considerando o Valor Adicionado das atividades, a Agropecuária registrou R\$ 90,3 bilhões, a Indústria R\$ 297,0 bilhões e os Serviços R\$ 1.074,8 bilhões.

Entre os componentes da demanda, a Despesa de Consumo das Famílias totalizou R\$ 1.111,4 bilhões, a Despesa de Consumo do Governo somou R\$ 329,8 bilhões e a Formação Bruta de Capital Fixo totalizou R\$ 265,6 bilhões. A Balança de Bens e Serviços ficou superavitária em R\$ 2,3 bilhões e a Variação de Estoque (R\$ 4,5 bilhões) foi positiva.

A Renda Nacional Bruta alcançou R\$ 1.676,6 bilhões no primeiro trimestre de 2019, ante R\$ 1.620,9 bilhões em igual período de 2018. Nessa mesma base de comparação, a Poupança Bruta atingiu R\$ 237,5 bilhões contra R\$ 253,5 bilhões no mesmo período do ano anterior.

## Estados

Atualmente, quatro Estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste realizam o cálculo do Produto Interno Bruto trimestralmente: Ceará Pernambuco, Bahia e Minas Gerais.

Nesse sentido, o Produto Interno Bruto (PIB) do Ceará incrementou +0,20% no primeiro trimestre de 2019 em relação a igual período de 2018, quando o índice ficou em 3,02%. No acumulado dos quatro últimos trimestres, a alta atinge 0,21%. Já na comparação do primeiro trimestre deste ano com o quarto trimestre do ano passado, a queda foi de -0,64%.

A Agropecuária apresentou crescimento de +3,15% no primeiro trimestre de 2019 em relação a igual período do ano anterior. Portanto, a agropecuária apresentou melhor desempenho, contribuindo para o incremento do Índice.

A Indústria, no primeiro trimestre deste ano comparativamente a igual período de 2018, fechou com queda de -2,42%, reflexo direto dos índices negativos em todos os segmentos: Extrativa Mineral, com -6,50%; Transformação, com -0,20%; Construção Civil, com -0,28%, e Eletricidade, Gás e Água, com -10,55%.

Os Serviços apresentaram, no primeiro trimestre de 2019, o segundo melhor resultado, com +0,56%. No segmento, o destaque foi o Comércio, com +1,67%, seguido por Administração Pública, com +0,40%; Transportes, com +1,18%, e Intermediação Financeira, com +0,14%. Dois segmentos apresentaram índices negativos: Outros Serviços, com -0,53%, e Alojamento e Alimentação, com -0,42%.

Quanto a Pernambuco, o PIB cresceu +1,2 % no primeiro trimestre de 2019, em relação ao mesmo período de 2018. O PIB desse Estado alcançou R\$ 48,8 bilhões, em valores correntes, no trimestre inicial de 2019. Esse desempenho decorreu do comportamento dos três grandes setores econômicos: Agropecuária (+4,0%), Indústria (+3,5%) e Serviços (+0,5%).

O PIB pernambucano registrou elevação de 0,3%, no comparativo do primeiro trimestre de 2019 com o trimestre imediatamente anterior, considerado o ajuste sazonal. Esse resultado refletiu o desempenho dos setores econômicos da Agropecuária (+3,8%), da Indústria (+1,9%) e dos Serviços (+0,0%), quando comparados ao quarto trimestre de 2018.

Na comparação do primeiro trimestre de 2019 com o primeiro de 2018, o Setor Agropecuário apresentou crescimento de 4,0%. Esse resultado foi reflexo da expansão de dois segmentos agropecuários no período: Lavouras permanentes (+12,2%), além da produção de ovos e leite.

O Setor Industrial pernambucano, na comparação do primeiro trimestre de 2019 com o primeiro trimestre de 2018, apresentou crescimento (+3,5%) no volume do seu valor adicionado. Contribuíram para esse desempenho os resultados positivos da Indústria de Transformação (5,8%) e da Produção e distribuição de eletricidade, gás, água, esgoto e limpeza urbana (4,2%). A Construção Civil, por outro lado, apresentou comportamento negativo (-0,9%).

Os Serviços registraram crescimento de +0,5% no primeiro trimestre de 2019, em relação ao primeiro trimestre de 2018. Os segmentos que mais contribuíram para esse resultado foram Administração, saúde e educação pública, (+1,7%) e Atividades imobiliárias e aluguéis (+3,1%).

Por sua vez, o Produto Interno Bruto da Bahia recuou 0,5% no primeiro trimestre de 2019 em comparação com mesmo período do ano anterior. Na comparação do primeiro trimestre de 2019 com o trimestre imediatamente anterior, série com ajuste sazonal, a variação em volume foi de -0,2%, de acordo com a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Em termos de setores econômicos, quando se compara o primeiro trimestre de 2019 ante o mesmo período do ano anterior, verificou-se alta apenas na Agropecuária (+2,6%) e retrações na Indústria (-1,0%) e nos serviços (-0,3%).

O setor agropecuário da Bahia apresentou incremento no primeiro trimestre de 2019, porém a expectativa é que encerre o ano com taxa negativa. O setor industrial apresentou baixo desempenho registrando quedas na Indústria de Transformação (-4,2%) e na Extrativa Mineral (-0,8%) com recuo na produção de petróleo e gás. O destaque ficou por conta do retorno das taxas positivas na Construção Civil (+2,5%) e da alta da atividade de eletricidade e água (+6,0%), com ênfase na energia eólica.

Quanto ao desempenho dos serviços, a baixa no setor deveu-se principalmente as taxas negativas registradas no Comércio (-1,1%) e nas atividades imobiliárias (-1,8%). A Administração Pública e a atividade de transportes apresentam-se estáveis com taxas de +0,1% e 0,0%, respectivamente.

Em valores correntes, o PIB no primeiro trimestre de 2019 totalizou R\$ 70,3 bilhões, sendo R\$ 61,7 bilhões referentes ao Valor Adicionado (VA) a preços básicos - o que representa 88% do PIB e R\$ 8,5 bilhões aos Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios.

No que diz respeito aos grandes setores, a Agropecuária apresentou Valor Adicionado de R\$ 3,3 bilhões, a Indústria R\$ 15,8 bilhões e os Serviços R\$ 42,4 bilhões.

Em relação a Minas Gerais, o Produto Interno Bruto (PIB) gerado na economia desse Estado, nos doze meses completados em março de 2019, foi 1,0% superior, em termos reais, em comparação com o período imediatamente anterior.

O setor agropecuário registrou expansão de 0,4% em Minas Gerais, no primeiro trimestre de 2019, em relação ao trimestre imediatamente anterior. No confronto com o mesmo período de 2018, a agropecuária mineira expandiu 7,2%.

A valor adicionado da indústria mineira caiu -1,9% no primeiro trimestre de 2019. Referido resultado esteve associada à paralisação das atividades de extração de minério de ferro em Brumadinho, e do acompanhamento mais rigoroso das demais barragens com interrupção da operação.

Com isso, a indústria extrativa estadual recuou -20,6% no primeiro trimestre de 2019 em relação ao trimestre imediatamente anterior e -13,3% em relação aos três meses iniciais de 2018.

A indústria de Transformação (-0,4%) e a Construção Civil (-0,3%) também apresentaram retração no volume de produção estadual na série dessazonalizada.

Embora a indústria manufatureira tenha recuado na série com ajuste sazonal em Minas Gerais, na comparação do primeiro trimestre de 2019 com o mesmo trimestre do ano passado, houve incremento de 1,0% no volume produzido no Estado. Nesta base de comparação, destacou-se o aumento da quantidade produzida de bebidas, de produtos de metal e de máquinas e equipamentos. Em contrapartida, houve diminuição da produção da fabricação de fumo, de produtos têxteis, de veículos automotores e de produtos químicos.

Nos Serviços, houve variação positiva de 0,4% em Minas Gerais na série dessazonalizada. O desempenho positivo da Administração Pública (crescimento do volume de valor adicionado de 0,9%) e do conjunto agregado dos outros serviços (+0,3%) foi determinante para o resultado positivo.

Por outro lado, houve inflexão mais significativa em Minas Gerais nas margens de Comércio (-0,6%) nessa ótica de comparação (trimestre contra trimestre imediatamente anterior).

No primeiro trimestre de 2019, a estimativa preliminar para o PIB de Minas Gerais somou R\$ 146,1 bilhões. O valor adicionado da Agropecuária foi estimado em R\$ 6,7 bilhões; o da Indústria, em R\$ 31,0 bilhões; e o dos Serviços, em R\$ 89,7 bilhões, totalizando R\$ 127,4 bilhões de valor adicionado bruto em termos nominais.

## 2 Produção Agropecuária

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a estimativa para a safra nacional de grãos deverá totalizar 230,1 milhões de toneladas em 2019. Desta forma, a produção de grãos será superior em 1,6% em comparação com a obtida em 2018 (226,4 milhões de toneladas), representando assim, incremento de 3,6 milhões de toneladas (Tabela 1). Quanto à área a ser colhida, estima-se em 62,3 milhões de hectares, aumento de 1,3 milhão de hectares, ou seja, 2,3% maior em relação ao total obtido em 2018.

Referido incremento será puxado pela expansão, principalmente, da produção nacional de milho (+11,9%) e algodão (+26,7%), que em conjunto devem representar 42,2% da safra de grãos em 2019. Por outro lado, duas importantes culturas do País, arroz (-10,6%) e soja (-4,5%), apresentarão reduções em suas respectivas colheitas, conforme dados da Tabela 1.

O IBGE considera outras atividades além dos grãos. Parte desses produtos deverá obter incremento para a safra nacional, a exemplo da mandioca (+5,6%), banana (+2,4%), tomate (+0,8%) e cana-de-açúcar (+0,4%), conforme especificado na Tabela 2.

Em termos regionais, a produção do Centro-Oeste deverá incrementar 2,4%, sendo a principal região produtora de grãos no País, detentora de 44,9% da participação da produção nacional. Concomitantemente o Sul, que concentra 33,5% da produção nacional, deverá registrar o maior crescimento (+3,3%) entre as Regiões.

Na mesma base de análise, a produção de grãos no Norte deverá se estabilizar; enquanto no Sudeste (-4,4%) e Nordeste (-1,2%), as estimativas serão de redução de suas colheitas, sendo, grande parte, impactadas pelas condições climáticas prevaletentes no corrente ano, em especial a quadra de chuvas.

Apesar do declínio, o Nordeste deverá obter participação de 8,4% da produção nacional de grãos, permanecendo como a quarta maior região produtora no País. Dentre os estados do Nordeste, a estimativa é de crescimento na safra de grãos em 2019 para: Sergipe (+202,3%), Alagoas (+107,5%), Paraíba (+77,2%), Pernambuco (+31,7%), Maranhão (+8,1%), Piauí (+6,6%), Ceará (+4,3%) e Rio Grande do Norte (+0,6%). Na mesma base de análise, apenas Bahia (-15,4%) deverá apresentar redução na referida safra.

Bahia, principal produtor de grãos no Nordeste, cuja participação na produção da Região corresponde a 41,8%, deverá apresentar declínio na produção de importantes culturas, a exemplo da soja (-20,9%), cuja participação corresponde a 48,6% do total do Nordeste; e milho (-19,1%), que detém 25,1% da produção regional. Por outro lado, o cultivo do algodão (+9,9%), que responde por 88,4% em relação ao total da Região, deverá permanecer em alta, assim como a produção de feijão (+9,8%).

Maranhão, segunda maior participação na Região (23,2%), será favorecido pelo incremento da produção de algodão (+25,2%), milho (+24,3%), e soja (+3,0%). Cabe destacar a participação de alguns produtos desse Estado em relação ao total do Nordeste: sorgo (36,1%), soja (27,9%), milho (25,4%) e algodão (7,4%).

Piauí, terceiro maior produtor do Nordeste, detém 22,1% da produção de grãos regional. A produção de algodão deverá aumentar (+143,7%), além de milho (+25,9%) e feijão (+9,8%).

Cabe destacar que a produção de grãos em Sergipe, que sofreu com a estiagem em 2018, deverá crescer 202,3% em 2019. Destaque para a expansão da colheita de feijão (+339,6%) e milho (+223,4%).

Em contrapartida, a produção de grãos no Ceará deverá crescer 4,3%, principalmente por fatores climáticos favoráveis, com o crescimento decorrendo da produção de algodão (+123,8%) e milho (+5,9%).

A participação de Pernambuco (0,8%), Paraíba (0,8%), Alagoas (0,6%) e Rio Grande do Norte (0,3%) representam, em conjunto, 2,5% da produção de grãos no Nordeste. Rio Grande do Norte (+0,6%) deverá apresentar crescimento na produção, bem como em Pernambuco (+31,7%), com destaque para a colheita de milho (+17,5%) neste Estado.

Na Paraíba (+77,2%), a produção de grãos será alavancada principalmente pelo aumento da safra de arroz (+70,5%) e feijão (+58,7%).

Em Alagoas (+107,5%), segundo maior crescimento na produção de grãos no Nordeste, em relação à safra anterior, cabe mencionar o incremento na colheita do milho 2ª safra (+289,3%), feijão 2ª safra (+152,0%) e arroz (+7,7%).

Cabe mencionar que no Nordeste deverá ocorrer expansão da produção banana (+11,4%), do tomate (+7,0%), assim como na produção da cana-de-açúcar (+3,9%), importante cultura da Região, conforme os dados especificados na Tabela 2.

Em relação à participação do Nordeste na produção nacional de algumas culturas, destacam-se castanha-de-caju (99,1%), mamona (96,7%), cacau (47,5%), banana (35,0%), uva (34,7%), feijão (25,5%), algodão (24,8%) e mandioca (22,2%).

Tabela 1 - Safra de grãos no Brasil, Nordeste e estados selecionados em 2018 e 2019 - Em toneladas

Região / Estados do NE/País	Safra 2018	Part. (%) <sup>(1)</sup>	Safra 2019	Part. (%) <sup>(1)</sup>	Var. (%)
<b>Nordeste</b>	<b>19.112.336</b>	<b>8,4%</b>	<b>18.884.581</b>	<b>8,2%</b>	<b>-1,2</b>
Bahia	9.323.119	48,8%	7.887.340	41,8%	-15,4
Maranhão	4.431.778	23,2%	4.790.611	25,4%	8,1
Piauí	4.232.124	22,1%	4.512.119	23,9%	6,6
Ceará	632.702	3,3%	659.894	3,5%	4,3
Sergipe	187.750	1,0%	567.646	3,0%	202,3
Pernambuco	111.230	0,6%	146.467	0,8%	31,7
Paraíba	89.975	0,5%	159.424	0,8%	77,2
Alagoas	53.154	0,3%	110.269	0,6%	107,5
Rio Grande do Norte	50.504	0,3%	50.813	0,3%	0,6
<b>Centro-Oeste</b>	<b>101.014.565</b>	<b>44,6%</b>	<b>103.405.415</b>	<b>44,9%</b>	<b>2,4</b>
<b>Sul</b>	<b>74.511.490</b>	<b>32,9%</b>	<b>76.991.002</b>	<b>33,5%</b>	<b>3,3</b>
<b>Sudeste</b>	<b>22.877.050</b>	<b>10,1%</b>	<b>21.869.078</b>	<b>9,5%</b>	<b>-4,4</b>
<b>Norte</b>	<b>8.937.740</b>	<b>3,9%</b>	<b>8.938.124</b>	<b>3,9%</b>	<b>0,0</b>
<b>Brasil</b>	<b>226.453.182</b>	<b>100,0%</b>	<b>230.088.201</b>	<b>100,0%</b>	<b>1,6</b>

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota (1): Participação das regiões em relação ao País e participação dos estados do Nordeste em relação a esta Região.

Tabela 2 - Principais produtos da safra agrícola no Brasil e Nordeste em 2018 e 2019 - Em toneladas

Produto	Brasil		Var. (%)	Nordeste		Var. (%)
	Safra 2018	Safra 2019		Safra 2018	Safra 2019	
Cereais, leguminosas e oleaginosas	226.453.182	230.088.201	1,6	19.112.336	18.884.581	-1,2
Cana-de-açúcar	674.178.718	676.983.096	0,4	49.153.863	51.082.438	3,9
Soja	117.833.492	112.516.470	-4,5	11.470.906	10.153.128	-11,5
Milho	81.364.535	91.037.544	11,9	5.637.111	6.467.564	14,7
Mandioca	19.392.827	20.472.431	5,6	5.073.361	4.536.752	-10,6
Banana	6.710.436	6.873.902	2,4	2.161.655	2.408.922	11,4
Algodão herbáceo	4.930.518	6.248.542	26,7	1.367.640	1.551.331	13,4
Laranja	16.677.091	15.817.404	-5,2	1.368.693	1.357.620	-0,8
Feijão	2.973.932	3.065.030	3,1	560.118	780.675	39,4
Tomate	4.084.910	4.116.907	0,8	473.321	506.683	7,0
Uva	1.592.242	1.437.229	-9,7	501.833	498.857	-0,6
Arroz	11.736.353	10.496.939	-10,6	393.604	319.412	-18,8
Café	3.593.165	3.234.737	-10,0	250.634	234.107	-6,6
Batata	3.847.037	3.790.752	-1,5	203.150	200.241	-1,4
Sorgo	2.251.862	2.130.763	-5,4	157.108	150.028	-4,5
Cacau	255.184	252.105	-1,2	122.568	119.718	-2,3
Castanha-de-caju	141.388	114.508	-19,0	139.342	113.434	-18,6
Trigo	5.305.067	5.147.083	-3,0	30.000	30.000	0,0
Mamona	19.314	26.848	39,0	17.686	25.969	46,8
Fumo	794.476	768.185	-3,3	13.862	21.531	55,3
Amendoim	557.878	588.156	5,4	11.543	11.493	-0,4
Aveia	890.235	763.151	-14,3	-	-	..
Centeio	8.184	7.396	-9,6	-	-	..
Cevada	325.081	311.001	-4,3	-	-	..
Girassol	137.969	148.139	7,4	-	-	..
Triticale	41.664	38.070	-8,6	-	-	..

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

### 3 Produção Industrial

A produção industrial nacional recuou 1,3% em março de 2019, frente ao mês anterior, eliminando o aumento de fevereiro (0,6%). Em relação a março de 2018, a atividade da indústria caiu 6,1%, anulando a elevação observada no mês anterior (+2,1%). Com estes resultados, o setor apresentou recuo de 2,2% no primeiro trimestre de 2019, intensificando a queda do último trimestre de 2018 (-1,2%). Na taxa acumulada de 12 meses, terminados em março, houve queda de 0,1%, frente a igual período anterior, primeiro resultado negativo desde agosto de 2017. Neste patamar, a indústria se encontra 17,6% abaixo do nível recorde, de maio de 2011. Os dados são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A redução de 2,2% na produção industrial nacional do acumulado de janeiro a março deste ano, em relação a igual período de 2018, repercutiu taxas negativas nas quatro grandes categorias econômicas, em 21 dos 26 ramos, 55 dos 79 grupos e 56,9% dos 805 produtos pesquisados.

Entre as grandes categorias econômicas (Gráfico 1), as reduções mais intensas se deram nos bens de capital (-4,3%) e bens de consumo duráveis (-3,4%). Os primeiros pressionados pela menor fabricação de bens de capital para equipamentos de transporte (-4,2%) e agrícolas (-5,3%), e, na segunda categoria, os eletrodomésticos da “linha marrom” (-16,7%). O segmento de bens intermediários (-2,0%) e o de bens de consumo semi e não duráveis (-1,4%), embora negativos, ficaram acima da média da indústria geral (-2,2%). Cabe observar que todas as categorias perderam desempenho no primeiro índice trimestral de 2019, frente ao de 2018, quando a maior parte das taxas, com exceção de bens de consumo semi e não duráveis, havia subido (Gráfico 1).

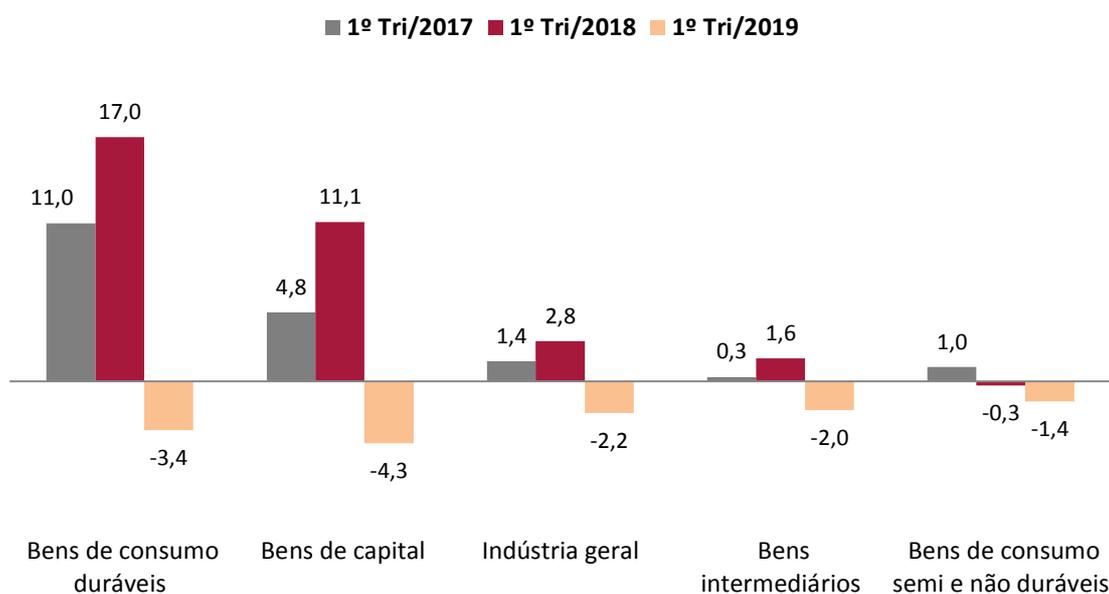
Em relação às atividades industriais, a produção extrativa perdeu ritmo no acumulado de 2019 (-7,5%), frente ao primeiro trimestre de 2018 (-2,7%) e exerceu a maior influência negativa na composição da média da indústria. Da mesma forma, a indústria de transformação passou de um resultado positivo, no mesmo período de 2018 (+3,7%), para cair no acumulado de 2019 (-1,4%), com 20 de suas 25 atividades registrando redução. Destacaram-se positivamente (Gráfico 2): produtos de metal (+5,4%); bebidas (+5,0%); produtos diversos (+4,8%); coque e derivados do petróleo (+4,2%) e produtos de minerais não-metálicos (+2,1%). Dentre as principais influências negativas, estão: equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-13,0%); impressão e reprodução de gravações (-11,3%); farmoquímicos e farmacêuticos (-10,6%); outros equipamentos de transporte (-10,5%) e produtos de madeira (-7,9%).

A pesquisa Sondagem Industrial, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), também captou recuo na produção nacional de março, frente ao mês anterior. Tal redução foi considerada como pouco usual, e parcialmente atribuída à influência do Carnaval que, neste ano, foi celebrado em março. Em consequência, o número de empregados também caiu, enquanto a UCI (Utilização da Capacidade Instalada) manteve-se inalterada pelo terceiro mês consecutivo, em 66%. Ressalte-se que este percentual foi o mesmo do registrado pela UCI de março de 2018. Por seu turno, o otimismo para 2019, em geral, diminuiu pelo segundo mês consecutivo, conforme resultados captados no mês de abril. Este foi o caso do índice de expectativa de demanda; de compras de matérias-primas, e de número de empregados que, todavia, ficaram acima do nível de expectativa observado em abril de 2018. A expectativa de quantidade exportada foi a única a se manter estável entre março e abril. De qualquer modo, apesar das reduções, todos estes índices continuam expressando otimismo, ou seja, expectativa de aumento para os próximos meses. O índice de intenção de investimento também diminuiu em abril, pelo segundo mês consecutivo, após uma sequência de cinco meses de alta.

Para os resultados referentes ao primeiro trimestre de 2019, a pesquisa verificou piora nas condições financeiras das empresas, com redução nos índices de satisfação com o lucro operacional e com a situação financeira. Mas houve melhora na percepção de facilidade de acesso ao crédito. Dentre os principais problemas enfrentados pela indústria destacaram-se: elevada carga tributária, demanda interna insuficiente e falta/alto custo da matéria-prima.

Para 2019, o Boletim Focus do Banco Central, vem reduzindo a estimativa de crescimento da produção industrial nacional, chegando a 1,70%, no segundo relatório divulgado no mês de maio.

Gráfico 1 - Evolução da taxa de crescimento da produção industrial, por grandes categorias econômicas (%) - Brasil - Variação percentual acumulada nos 1ºs trimestres de 2017, 2018 e 2019 (Base: igual período anterior)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Gráfico 2 - Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) - Brasil - Acumulado em 2019 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

O nível de atividade industrial, no Nordeste, apresentou taxa negativa em março de 2019 (-7,5%), frente ao mês imediatamente anterior, em intensidade superior à nacional (-1,3%). Nas demais bases de comparação, para março de 2019, a indústria regional também assinalou resultados mais acentuados do que a média do País. Em relação a março de 2018: -7,0% (Nordeste) e -6,1% (Brasil); no que se refere ao primeiro trimestre do ano: -4,4% (Nordeste) e -2,2% (Brasil); no acumulado de 12 meses: -0,7% (Nordeste) e -0,1% (Brasil). Os dados são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

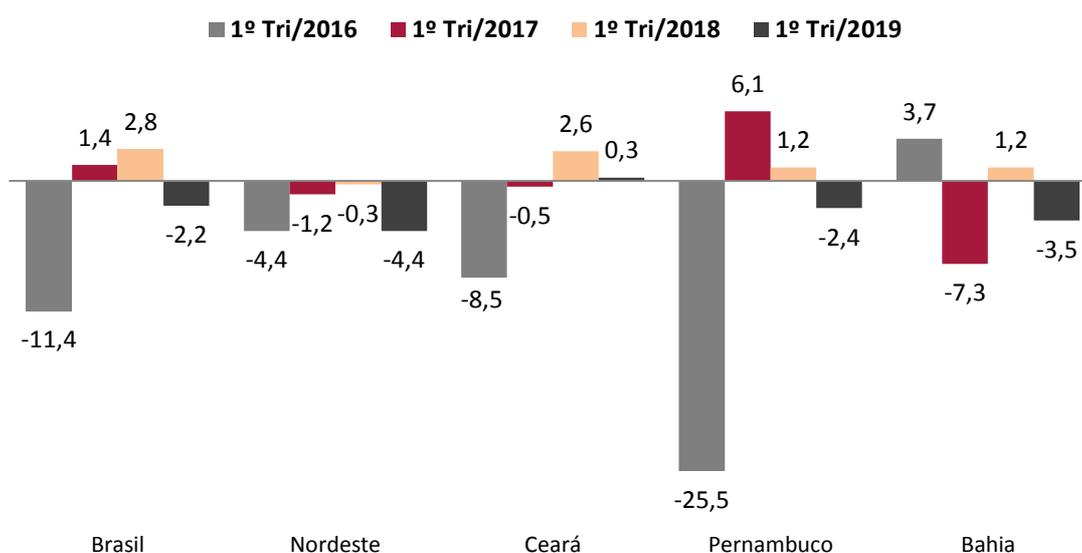
A evolução da indústria nos primeiros trimestres dos anos de 2016 a 2019, pode ser observada no Gráfico 3. Este mostra que, vindo de um período recessivo na economia brasileira (2015 e 2016), o ano de 2016 foi o pior para o setor, em quase todos os locais selecionados, no período em análise. Em geral, todos ensaiaram melhoras no nível de atividade industrial, em 2017 e/ou 2018, mas retornaram a taxas negativas ou perderam ritmo, em 2019. No Brasil, a indústria não foi capaz de manter a escalada para cima que vinha ocorrendo desde o primeiro trimestre de 2017 (+1,4%) e apresentou nova retração no mesmo período de 2019 (-2,2%). No Nordeste, a taxa de crescimento da produção industrial saiu do piso de -4,4%, no primeiro trimestre de 2016, amenizou o ritmo negativo nos anos seguintes, mas voltou ao patamar de 2016, no acumulado de 2019 (-4,4%). Há cinco anos, desde 2014, a Região não apresenta índices positivos nos primeiros trimestres.

Dentre os Estados da Região divulgados pela pesquisa, o Gráfico 3 mostra que o Ceará foi o único a registrar crescimento no primeiro trimestre de 2019 (+0,3%), mas perdeu ritmo frente ao mesmo período de 2018 (+2,6%). Nas demais bases de comparação, referentes a março, assinalou resultados negativos: em relação ao mês imediatamente anterior (-1,7%); frente a março de 2018 (-5,4%), e no índice acumulado de 12 meses (-0,1).

Pernambuco voltou a registrar um primeiro trimestre negativo em 2019 (-2,4%), após taxas positivas em 2017 (+6,1%) e 2018 (+1,2%), conforme Gráfico 3. O Estado também assinalou retração em março, frente a fevereiro de 2019 (-6,0%), e frente a março de 2018 (-4,4%). Mas, sob a ótica da taxa anualizada, foi o único da Região a mostrar crescimento (+3,3%), com leve perda de dinamismo, quando comparada a fevereiro do mesmo ano (+3,7%).

A indústria Baiana também voltou a taxas negativas no acumulado do ano até março (-3,5%, em 2019) e teve o pior resultado, dentre os Estados selecionados (Gráfico 3). Nas demais bases de comparação, a Bahia mostrou os maiores recuos: frente a fevereiro imediatamente anterior (-10,1%), em relação a março de 2018 (-6,6%) e na taxa anualizada (-0,3%).

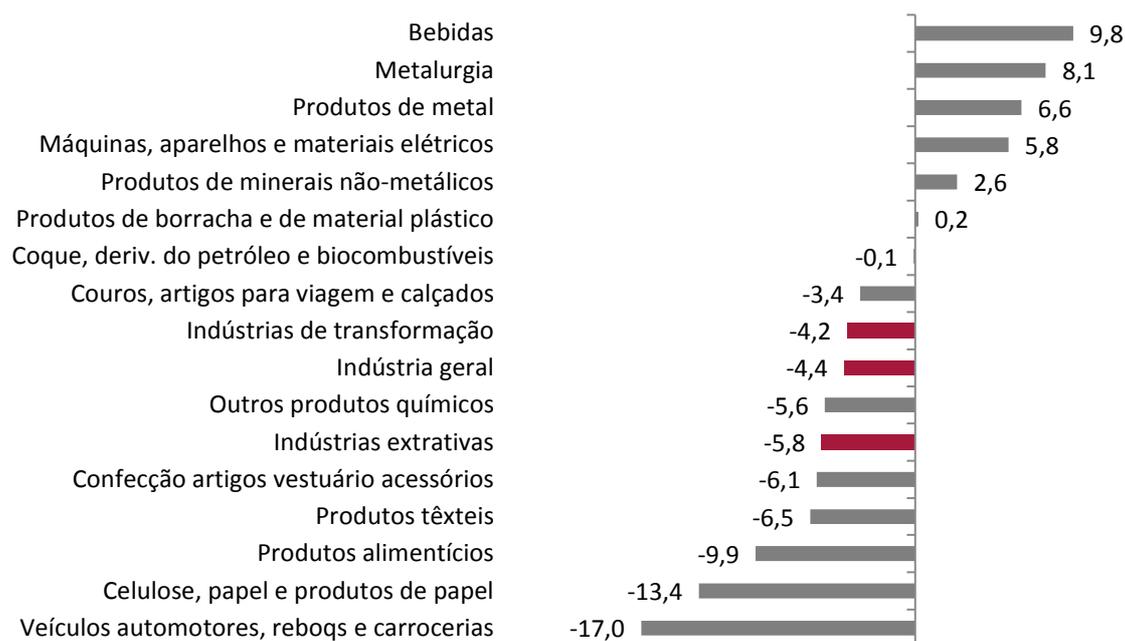
Gráfico 3 - Evolução da taxa de crescimento da produção industrial (%) - Brasil, Nordeste e Estados selecionados - 1ºs trimestres de 2016 a 2019 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

No Nordeste, o índice acumulado no ano de 2019 (-4,4%) refletiu o recuo na indústria extrativa (-5,8%) e na indústria de transformação (-4,2%). Dentre as 14 atividades pesquisadas na indústria de transformação, 6 assinalaram crescimento (Gráfico 4), em especial: bebidas (+9,8%); metalurgia (+8,1%); produtos de metal (+6,6%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (+5,8%), e produtos de minerais não-metálicos (+2,6%). Negativamente, tiveram maior variação: veículos, reboques e carrocerias (-17,0%); celulose e papel (-13,4%); alimentos (-9,9%); têxteis (-6,5%), e confecções, vestuários e acessórios (-6,1%).

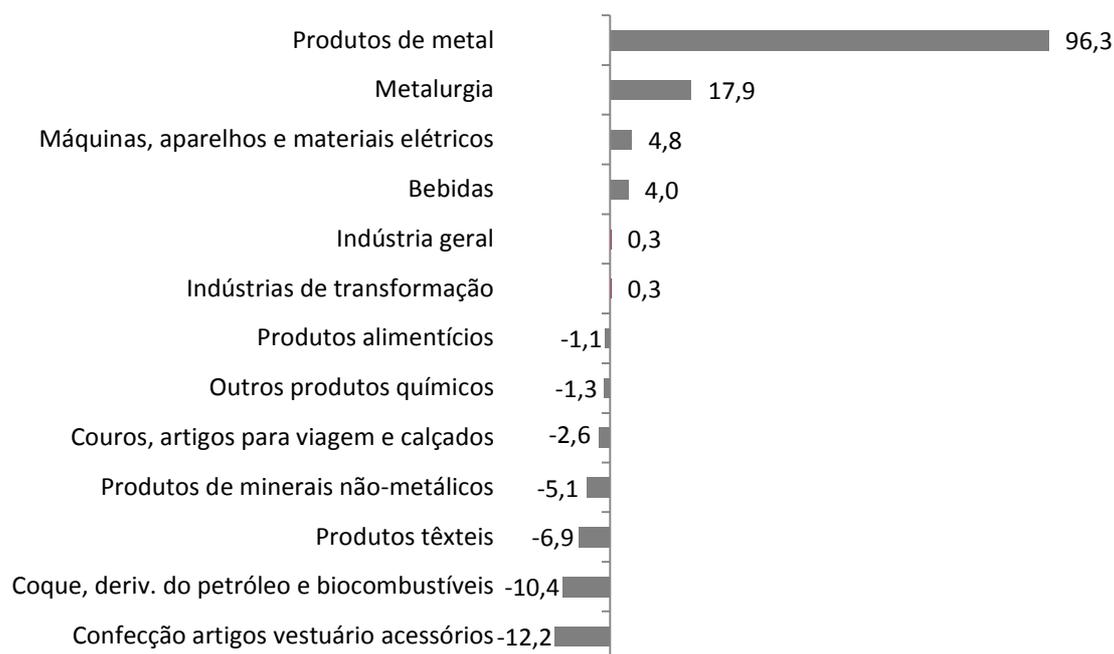
Gráfico 4 - Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) - Nordeste - 1º trimestre de 2019 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

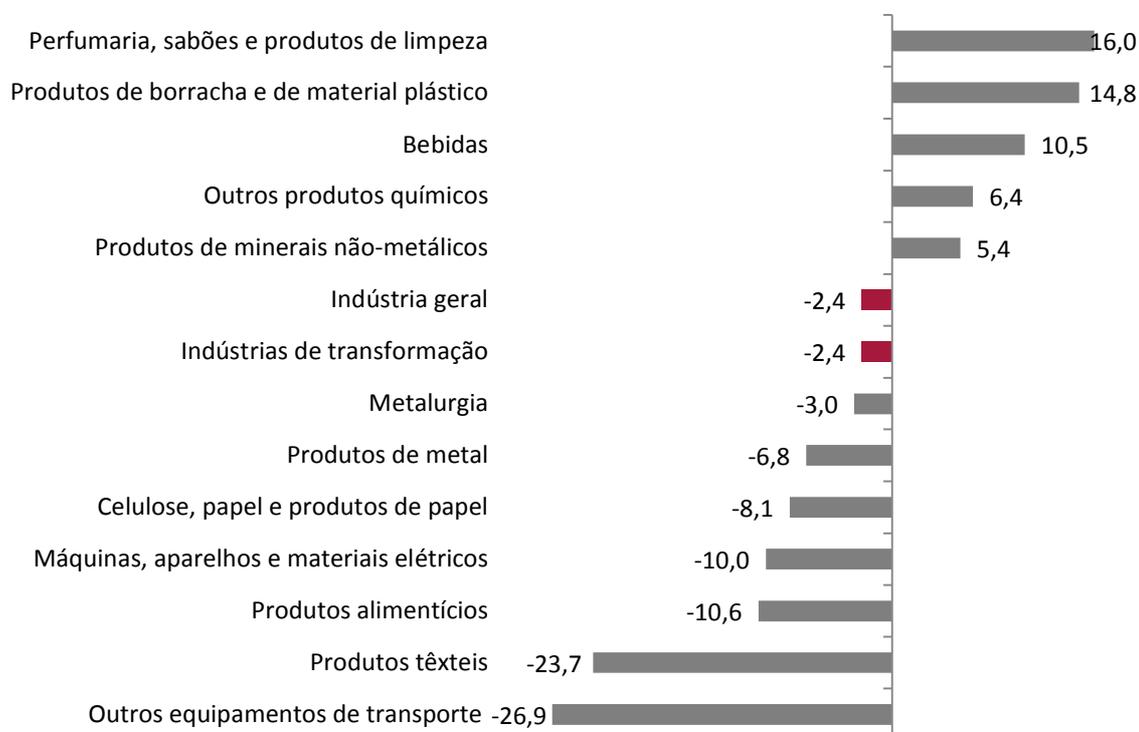
No Ceará (+0,3%), 4 das 11 atividades pesquisadas cresceram (Gráfico 5): produtos de metal (+96,3%); metalurgia (+17,9%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (+4,8%), e bebidas (+4,0%). Recuaram, dentre outros, confecções, vestuários e acessórios (-12,2%); coque e derivados do petróleo (-10,4%); têxteis (-6,9%), e produtos de minerais não-metálicos (-5,1%). Em Pernambuco (-2,4%), 5 das 12 atividades avançaram, em especial: perfumaria e produtos de limpeza (+16,0%); borracha e material plástico (+14,8%); bebidas (+10,5%), e outros produtos químicos (+6,4%). Reduziram-se, principalmente: outros equipamentos de transporte (-26,9%); têxteis (-23,7%); alimentos (-10,6%), e máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-10,0%), conforme no Gráfico 6. Na Bahia (-3,5%), avançaram 4 das 12 atividades: produtos de minerais não-metálicos (+25,9%); metalurgia (+17,8%); bebidas (+13,7%), e borracha e material plástico (+1,2%). Dentre os recuos estão: equipamentos de informática, eletrônicos e ópticos (-33,2%); celulose e papel (-16,4%); outros produtos químicos (-8,6%), e veículos, reboques e carrocerias (-8,4%), demonstrado no Gráfico 7.

Gráfico 5 - Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) - Ceará - 1º trimestre de 2019 (Base: igual período do ano anterior)



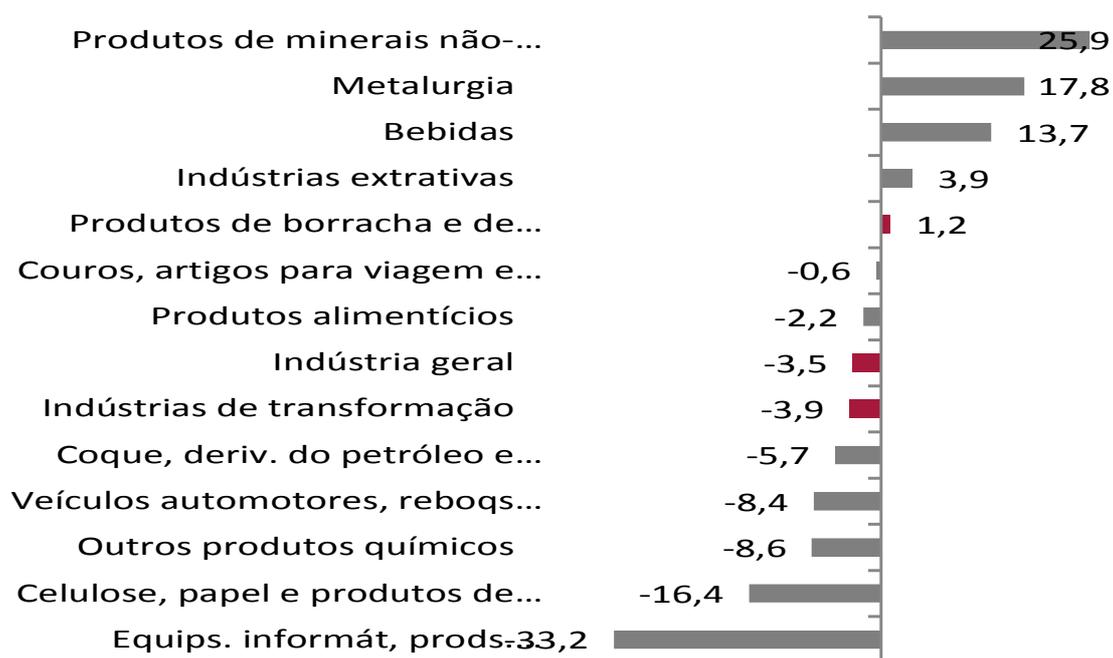
Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Gráfico 6 - Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) - Pernambuco - 1º trimestre de 2019 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Gráfico 7 - Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) - Bahia - 1º trimestre de 2019 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

## 4 Serviços

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume de serviços cresceu 1,1% no acumulado de janeiro a março de 2019 (1º trimestre de 2019). No acumulado dos últimos 12 meses, finalizados em março de 2019, o crescimento foi de 0,6%. Na comparação do mês de março de 2019 com relação ao mesmo período do ano anterior, o volume de serviços registrou uma queda de 2,3%, enquanto que na análise do volume de serviços na série dessazonalizada, quando se compara março de 2019 com relação a fevereiro de 2019, houve uma retração de 0,7%.

Na análise para o Brasil, no 1º trimestre de 2019 em relação ao mesmo período do ano de 2018, dos cinco grupos de atividades pesquisadas, os destaques foram: serviços prestados às famílias (+4,4%), serviços de informação e comunicação (+3,4) e outros serviços, que inclui atividade imobiliária, apresentou um crescimento de 3,2%. Por outro lado, declinaram as atividades: serviços profissionais, administrativos e complementares (-0,7%) e serviços de transporte (-1,6%), de acordo com os resultados apresentados na Tabela 1.

Em relação às subatividades para o Brasil, destacaram-se positivamente: serviços de tecnologia da informação (+14,1), serviços de alojamento e alimentação (+5,2) e serviços de tecnologia de informação e comunicação (TIC) (+4,5). Por outro lado, os destaques negativos foram: armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio (-4,7), serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias (-4,3) e Serviços administrativos e complementares (-0,8), segundo a Tabela 1.

Na mesma base de comparação, analisando a área de atuação do Banco do Nordeste, o comportamento negativo do volume de Serviços foi verificado na maioria dos estados: Ceará (-5,7%), Piauí (-5,4%), Paraíba (-3,8%), Alagoas (-2,8%), Espírito Santo (-1,9%) e Rio Grande do Norte (-1,3%), enquanto que, dentre os que apresentaram crescimento, apenas Maranhão (+3,0%) ficou acima do resultado do Brasil, seguidos de Sergipe (+0,9%), Minas Gerais (+0,9%), Pernambuco (+0,5%) e Bahia (+0,1%), conforme o Gráfico 1.

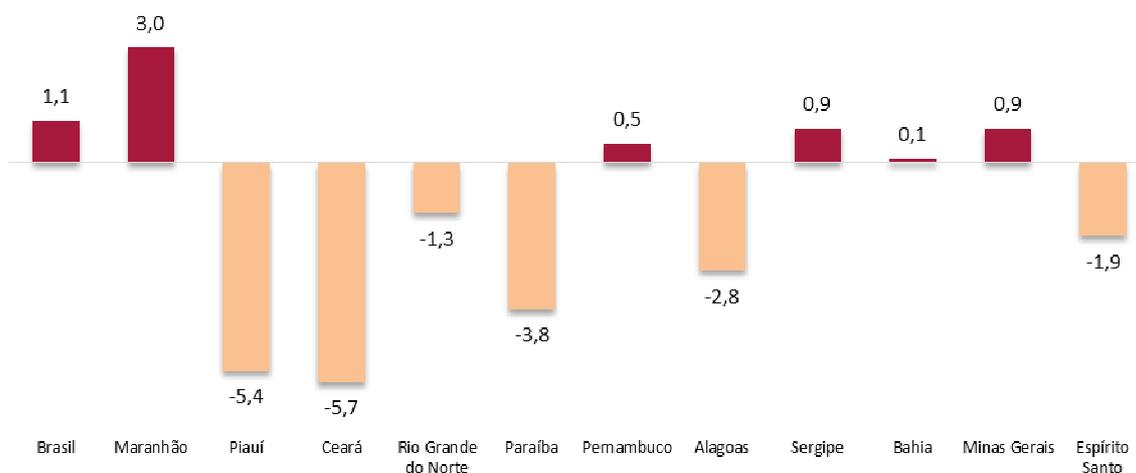
O IBGE analisa os grupos de atividades do setor de serviços para cinco estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste. Verifica-se na Tabela 1, na comparação do 1º trimestre de 2019 com relação ao mesmo período de 2018, que os seguintes grupos no Ceará obtiveram resultados positivos: serviços prestados a família (+8,3%) e serviços profissionais, administrativos e complementares (+4,0%). Na direção oposta, têm-se os seguintes grupos: transportes, serviços auxiliares aos transportes e correios (-6,1%), serviços de informação e comunicação (-5,3%) e outros serviços, no qual registrou-se uma forte queda (-47,7%).

Em Pernambuco os seguintes grupos registraram destaques de crescimento: outros serviços (+9%) e transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (+5,0%), enquanto que os maiores declínios foram registrados em: serviços profissionais, administrativos e complementares (-3,9%) e serviços de informação e comunicação (-3%).

No estado da Bahia, apenas serviços profissionais, administrativos e complementares (+3,2%) e transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (+3,1%) cresceram. Em contraste, a maior queda foi verificada em Serviços de informação e comunicação (+5,8%).

No estado de Minas Gerais, os maiores crescimentos foram registrados nos grupos outros serviços (+19,5%) e serviços de informação e comunicação (+3,7). Já os grupos que apresentaram quedas foram transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-3,6%) e serviços prestados às famílias (-2,4%). No Espírito Santo, serviços prestados às famílias (+3,9%) e transportes (+2,4%) registraram performances positivas, enquanto que a maior queda foi verificada em serviços profissionais (-14,3%).

Gráfico 1 - Variação (%) do volume de serviços - Brasil e estados selecionados - 1º Trimestre de 2019 <sup>(1)</sup>



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota: (1) Variação com relação ao 1º Trimestre de 2018.

Tabela 1 - Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades - Brasil e estados selecionados - 1º Trimestre de 2019 <sup>(1) (2)</sup>

Atividades e subatividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia	Minas Gerais	Espírito Santo
Serviços prestados às famílias	4,4	8,3	-0,5	-0,9	-2,4	3,9
Serviços de alojamento e alimentação	5,2	-	-	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	0,1	-	-	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	3,4	-5,3	-3,0	-5,8	3,7	-2,4
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	4,5	-	-	-	-	-
Telecomunicações	0,3	-	-	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	14,1	-	-	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-4,3	-	-	-	-	-
Serviços profissionais, administrativos e complementares	-0,7	4,0	-3,9	3,2	2,1	-14,3
Serviços técnico-profissionais	-0,3	-	-	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	-0,8	-	-	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-1,6	-6,1	5,0	3,1	-3,6	2,4
Transporte terrestre	-0,8	-	-	-	-	-
Transporte aquaviário	2,5	-	-	-	-	-
Transporte aéreo	1,9	-	-	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	-4,7	-	-	-	-	-
Outros serviços	3,2	-47,7	9,0	-4,1	19,5	-8,9
<b>Total</b>	<b>1,1</b>	<b>-5,7</b>	<b>0,5</b>	<b>0,1</b>	<b>0,9</b>	<b>-1,9</b>

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Notas:(1) Variação com relação ao 1º Trimestre de 2018

(2) O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

## 5 Comércio Varejista

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as vendas do comércio varejista restrito nacional cresceram 0,3% no acumulado de janeiro a março de 2019 (1º trimestre de 2019). Já no comércio varejista ampliado nacional, que inclui, além do comércio varejista restrito, a comercialização de veículos e de material de construção, o aumento foi de 2,3% para a mesma base de comparação (Gráfico 1). No acumulado dos últimos 12 meses, finalizados em março de 2019, o comércio varejista restrito nacional apresentou crescimento de 1,3%, enquanto que, para o mesmo período de análise, o varejo ampliado registrou avanço de 3,9%. Na comparação do mês de março de 2019 com relação ao mesmo período do ano anterior, o varejo restrito do Brasil caiu 4,5%, e o ampliado registrou queda de 3,4%. Já na análise das séries dessazonalizadas, quando se compara março de 2019 com relação a fevereiro de 2019, o comércio varejista restrito brasileiro cresceu 0,3%, enquanto que o ampliado aumentou 1,1%.

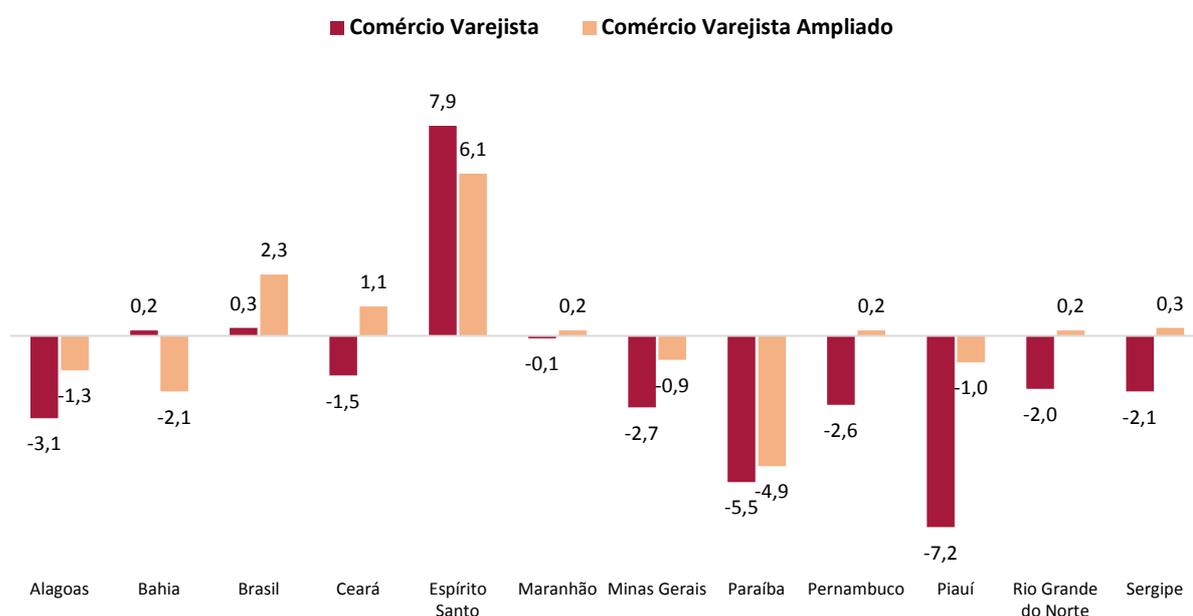
Na análise dos dez grupos de atividades pesquisadas para o Brasil, sete obtiveram crescimento no primeiro trimestre de 2019, com destaque para: veículos, motocicletas, partes e peças (+8,3%), seguido do grupo de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+6,9%) e outros artigos de uso pessoal e doméstico (+4,0%). Por outro lado, três grupos de atividades apresentaram quedas: livros, jornais, revistas e papelaria (-29,4%), móveis e eletrodomésticos (-1,9%) e hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-0,9%), de acordo com os dados apresentados na Tabela 1.

Em relação ao comportamento do comércio varejista restrito dos estados analisados, houve predominância de queda, sendo que a maior variação negativa foi registrada no Piauí (-7,2%), seguidos dos estados: Paraíba (-5,5%), Alagoas (-3,1%), Minas Gerais (-2,7%), Pernambuco (-2,6%), Sergipe (-2,1%), Rio Grande do Norte (-2,0%), Ceará (-1,5%) e Maranhão (-0,1%). Já o Espírito Santo e Bahia obtiveram variações positivas nas vendas do varejo com crescimentos de 7,9% e 0,2%, respectivamente. (Gráfico 1).

Na análise do comportamento do comércio varejista ampliado, apenas Espírito Santo (+6,1%) apresentou crescimento do volume de vendas acima do registrado no País (+2,3%) no primeiro trimestre de 2019. Já os estados do Ceará (+1,1%), Sergipe (+0,3%), Pernambuco (+0,2%), Rio Grande do Norte (+0,2%) e Maranhão (+0,2%) também obtiveram resultados positivos, porém, abaixo da média nacional (+2,3%). Em contraste, foram registradas quedas em Minas Gerais (-0,9%), Piauí (-1,0%), Alagoas (-1,3%), Bahia (-2,1%) e Paraíba (-4,9%), conforme o Gráfico 1.

Dentre os cinco estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste, no Ceará, as vendas de móveis e eletrodomésticos (+9,3%) e veículos, motocicletas, partes e peças (+8,0%), foram os grupos que apresentaram maiores expansões. Em Pernambuco, cabe mencionar como destaques artigos farmacêuticos (+12,3%), veículos, motocicletas, partes e peças (+9,3%). Na Bahia, a maior alta verificou-se em artigos farmacêuticos (+12,0%), seguindo-se outros artigos de uso pessoal e domésticos (+8,4%). Em Minas Gerais, o resultado positivo de maior expressão ocorreu em artigos farmacêuticos (+9,4%), vindo a seguir veículos, motocicletas, partes e peças (+6,4%). No Espírito Santo, os destaques foram a comercialização de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (+62,7%) e material de construção (+19,2%). Os dados para os cinco estados mencionados estão especificados na Tabela 1.

Gráfico 1 - Variação (%) do volume de vendas do comércio - Brasil e Estados selecionados - Acumulado em 2019 <sup>(1)</sup>



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota: (1) Variação acumulada de jan-mar/2019.

Tabela 1 - Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Acumulado em 2019 <sup>(1)</sup>

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia	Minas Gerais	Espírito Santo
<b>Comércio varejista</b>	<b>0,3</b>	<b>-1,5</b>	<b>-2,6</b>	<b>0,2</b>	<b>-2,7</b>	<b>7,9</b>
Combustíveis e lubrificantes	0,1	-4,0	0,1	-12,0	-9,4	11,4
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-0,9	-5,1	-6,5	2,7	2,1	7,2
Hipermercados e supermercados	-0,3	-7,3	-4,9	2,7	3,0	7,4
Tecidos, vestuário e calçados	0,5	4,2	-4,1	-6,2	-8,6	10,0
Móveis e eletrodomésticos	-1,9	9,3	0,6	1,1	-14,6	8,0
Móveis	0,4	-0,6	-8,6	0,6	-13,2	3,8
Eletrodomésticos	-2,7	18,8	4,8	1,6	-14,8	9,0
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	6,9	4,9	12,3	12,0	9,4	9,1
Livros, jornais, revistas e papelaria	-29,4	-8,3	-30,1	-34,0	-10,6	-40,7
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	3,9	-14,8	-22,1	-8,5	-1,7	62,7
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	4,0	-3,0	-0,2	8,4	-14,5	1,1
<b>Comércio varejista ampliado</b>	<b>2,3</b>	<b>1,1</b>	<b>0,2</b>	<b>-2,1</b>	<b>-0,9</b>	<b>6,1</b>
Veículos, motocicletas, partes e peças	8,3	8,0	9,3	0,8	6,4	2,1
Material de construção	3,5	5,3	-2,4	-3,0	1,6	19,2

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota: (1) Variação acumulada de jan-mar/2019.

## 6 Mercado de Trabalho

O Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) que mede a quantidade de admissões e demissões de funcionários em regime CLT, mostra que houve perda de 65.188 postos de emprego no Nordeste com carteira assinada no acumulado de janeiro a março de 2019. O resultado deriva dos 494.615 admitidos e dos 559.803 demitidos, configurando redução de 1,03%, em relação ao estoque do mesmo período de 2018. Contudo, o Nordeste apresentou saldo positivo no acumulado dos últimos 12 meses, com a geração de 53.328 postos de empregos celetistas.

Setorialmente, os dados revelam queda em seis dos oito setores da atividade econômica divulgados, tendo ocorrido perda no nível de emprego no Nordeste no acumulado de janeiro a março de 2019. Indústria de Transformação (-43.140), Comércio (-16.429), Agropecuária (-16.222), Construção Civil (-817), Serviços Industriais de Utilidade Pública (-176 postos) e Extrativa Mineral (-39 postos) reduziram o estoque de empregos, impactando negativamente o saldo da Região. Por outro lado, Serviços (+11.222) e Administração Pública (+413) apresentaram saldo positivo na Região.

Serviços lideraram a geração de empregos celetistas no Nordeste no primeiro trimestre de 2019. A atividade foi responsável por 222.075 admissões e 210.853 desligamentos, configurando saldo positivo de 11.222 postos de trabalho (Tabela 1). Desta forma, verificou-se expansão em três das seis subatividades, resultado impulsionado, principalmente, pelo Ensino que gerou 8.441 postos na Região (destaque na formação de +2.280 postos na Bahia; +1.424 em Pernambuco; +1.453 no Ceará e +637 no Piauí). Ainda em relação às subatividades de Serviços, sobressaíram-se Serviços médicos, odontológicos e veterinários, com a geração de 6.980 empregos formais no Nordeste, com destaque para a Bahia (+2.167), Ceará (+3.042) e Pernambuco (+1.424).

Cabe observar que o baixo desempenho da atividade da Indústria de Transformação (-13.956) contribuiu em grande medida para a redução do saldo total na Região no primeiro trimestre de 2019. O resultado decorreu, principalmente, da perda de postos de trabalho no regime CLT no subsetor da Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico. Assim, verificou-se que em oito dos nove Estados houve redução, principalmente, em Pernambuco (-17.432), Alagoas (-15.618), Paraíba (-2.463) e Sergipe (-1.828). No subsetor da Indústria Química, verificou-se saldo negativo de 5.644 postos de trabalho, tendo as maiores perdas ocorrido na Paraíba (-1.814), em Pernambuco (-1.517) e no Rio Grande do Norte (-1.256).

Dentre os setores com saldo negativo, Comércio (-16.429) foi o segundo em perdas de postos de trabalho na Região. Conforme dados da Tabela 1, verifica-se que apenas Comércio Varejista contribuiu para o saldo negativo, redução de 16.753 postos no acumulado de 2019, tendo as maiores quedas ocorrido em: Pernambuco (-4.360), Ceará (-4.068), Bahia (-3.700), Alagoas (-1.222) e Rio Grande do Norte (-1.193). Por sua vez, Comércio Atacadista, com geração de 890 postos na Região, cresceu, principalmente, na Bahia (+569) e no Piauí (+132) no primeiro trimestre de 2019.

A agropecuária também registrou perdas significativas para os primeiros três meses de 2019. O setor foi responsável pela redução de 16.222 empregos com registro na CLT na Região. As maiores reduções do setor ocorreram no Rio Grande do Norte (-4.744), Paraíba (-4.034), Pernambuco (-3.672), Sergipe (-2.184) e Alagoas (-1.989). Vale enfatizar que os citados Estados se destacam na produção de cana-de-açúcar no Nordeste.

Portanto, cabe destacar que a maior perda nos postos de trabalho na Região deriva das atividades que estão relacionadas ao do setor sucroalcooleiro, tanto no que diz respeito à Indústria da transformação, especificamente na fabricação de açúcar e álcool, cujo insumo principal é a cana-de-açúcar, quanto na Agricultura no primeiro trimestre de 2019, período que se encerra a Safra 2018/2019 de cana-de-açúcar.

Tabela 1 - Nordeste: Movimentação dos admitidos e desligados, por atividade econômica

Setores	Jan - Mar/2019			Últimos Doze Meses (Abr/18 a Mar/19)		
	Admitidos	Desligados	Saldos	Admitidos	Desligados	Saldos
<b>Extrativa Mineral</b>	<b>1.497</b>	<b>1.536</b>	<b>-39</b>	<b>6.684</b>	<b>5.462</b>	<b>1.222</b>
<b>Indústria de Transformação</b>	<b>62.656</b>	<b>105.796</b>	<b>-43.140</b>	<b>300.128</b>	<b>305.064</b>	<b>-4.936</b>
Calçados	7.016	5.642	1.374	23.606	24.052	-446
Metalúrgica	5.244	4.542	702	20.005	18.258	1.747
Mecânica	3.182	2.676	506	11.376	10.508	868
Material elétrico e de comunicações	1.199	881	318	5.405	5.203	202
Borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. diversas	2.098	1.925	173	7.598	7.871	-273
Produtos minerais não metálicos	5.277	5.263	14	21.640	21.459	181
Madeira e do mobiliário	2.205	2.227	-22	9.000	9.135	-135
Papel, papelão, editorial e gráfica	2.133	2.254	-121	8.446	8.552	-106
Têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	8.770	9.612	-842	36.132	39.331	-3.199
Material de transporte	1.200	2.433	-1.233	5.297	8.592	-3.295
Química de prod. farmacêuticos, veterinários, perfumaria	5.505	11.149	-5.644	29.616	30.242	-626
Produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	18.827	57.192	-38.365	122.007	121.861	146
<b>S. I. U. P. <sup>(1)</sup></b>	<b>3.757</b>	<b>3.933</b>	<b>-176</b>	<b>17.145</b>	<b>17.179</b>	<b>-34</b>
<b>Construção Civil</b>	<b>59.010</b>	<b>59.827</b>	<b>-817</b>	<b>242.597</b>	<b>251.289</b>	<b>-8.692</b>
<b>Comércio</b>	<b>118.026</b>	<b>134.455</b>	<b>-16.429</b>	<b>512.979</b>	<b>502.290</b>	<b>10.689</b>
Atacadista	20.321	19.997	324	82.818	78.726	4.092
Varejista	97.705	114.458	-16.753	430.161	423.564	6.597
<b>Serviços</b>	<b>222.075</b>	<b>210.853</b>	<b>11.222</b>	<b>850.395</b>	<b>799.065</b>	<b>51.330</b>
Ensino	28.572	20.131	8.441	74.239	69.912	4.327
Médicos, odontológicos e veterinários	24.961	17.981	6.980	92.876	73.246	19.630
Com. e adm. de imóveis, valores mobiliários, serv. técnico	77.287	76.430	857	309.016	295.923	13.093
Instituições de crédito, seguros e capitalização	1.361	1.564	-203	6.338	6.019	319
Transportes e comunicações	17.030	18.094	-1.064	72.243	70.207	2.036
Alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação	72.864	76.653	-3.789	295.683	283.758	11.925
<b>Administração Pública</b>	<b>2.129</b>	<b>1.716</b>	<b>413</b>	<b>6.949</b>	<b>6.587</b>	<b>362</b>
<b>Agropecuária</b>	<b>25.465</b>	<b>41.687</b>	<b>-16.222</b>	<b>159.325</b>	<b>155.938</b>	<b>3.387</b>
<b>Nordeste</b>	<b>494.615</b>	<b>559.803</b>	<b>-65.188</b>	<b>2.096.202</b>	<b>2.042.874</b>	<b>53.328</b>

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do CAGED.

Nota: (1) S.I.U.P. corresponde aos Serviços Industriais de Utilidade Pública.

O Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - Caged, é o dispositivo legal utilizado pelo Ministério do Economia para acompanhar a situação da mão de obra formal no Brasil, a fim de levantar dados de geração de emprego e desemprego no País. Tendo em vista os dados referentes a março de 2019, a Região Nordeste apresentou no primeiro trimestre do ano redução de 65.188 postos de trabalho, sendo que apenas uma das nove Unidades Federativas da Região registrou saldo positivo na movimentação dos trabalhadores com carteira assinada. Na mesma base de análise, nos últimos doze meses, o Nordeste segue com saldo positivo em sete dos nove Estados, no qual cabe destacar que houve, nesse período, a criação de 53.328 novos postos de trabalho, tendo assim, o estoque de trabalho variação positiva de 0,86%, em relação ao mesmo período do ano anterior.

Bahia (+11.179) foi o único estado do Nordeste a registrar saldo positivo no acumulado do ano, sendo o sétimo Estado que mais gerou empregos celetistas no País. As atividades econômicas responsáveis pelo desempenho do mercado de trabalho formal nesse Estado, de janeiro a março de 2019, foram: Serviços (+4.649, com ênfase em Ensino e no Comércio e administração de imóveis, valores mobiliários, serviços técnicos, com geração de 2.280 e 2.167 postos de trabalho, respectivamente); Construção Civil (+5.501); Indústria de Transformação (+1.779, com destaque para Indústria de calçados que gerou ao longo do ano 1.578 postos de trabalho); Administração Pública (+557); Extrativa Mineral (+229); Serviços Industriais de Utilidade Pública (+96); Enquanto, o único que registrou saldo negativo foi o Comércio (-3.131, em especial o Comércio varejista que perdeu 3.700 postos de trabalho, em contrapartida, Comércio atacadista gerou 569 postos).

No Piauí, houve redução de 2.922 empregos em regime CLT no acumulado de janeiro a março. Tal resultado decorreu, principalmente, do aumento do número de desligados que sobrepôs os admitidos nos seguintes setores: Serviço (-1.572, sendo afetado principalmente no Comércio e administração de imóveis, valores mobiliários e serviços técnicos, no qual perdeu 1.520 postos de trabalho no acumulado do ano); Indústria de Transformação (-759, verifica-se a maior perda de empregos celetista na Indústria química, -577); Serviços Industriais de Utilidade Pública (S.I.U.P.) houve perda de 685 postos de trabalho; Comércio (-284); e Administração Pública (-4). Todavia, houve saldo positivo na Agropecuária (+23), como também na Extrativa Mineral (+5).

No Maranhão (-3.334), o saldo também foi negativo no primeiro trimestre de 2019. A redução do nível de empregos foi influenciada pela atuação desfavorável da Construção Civil (-1.995), do Comércio (-827) e de Serviços (-494, tal resultado foi em decorrência, principalmente pelo Serviços de alojamento e alimentação que perdeu 826 postos de trabalho). Os setores da Administração Pública (-162) e S.I.U.P. (-55) também colaboraram no saldo negativo. Entretanto, a Agropecuária (+97), Indústria de Transformação (+85) e Extrativa Mineral (+17) são importantes setores indutores do crescimento econômico que apresentaram resultado positivo de janeiro a março de 2019.

Sergipe perdeu empregos regidos pela CLT em 4.891 postos, no acumulado de 2019. Os setores que contribuíram para o saldo negativo foram: Indústria de Transformação (-2.437, afetados pelos desempregos, principalmente, na Indústria de produtos alimentícios e bebidas, -1.828), Agropecuária (-2.184), Comércio (-648), Construção Civil (-509), Extrativa Mineral (-42) e Administração Pública (-38). Embora com saldo total negativo no Estado, sendo afetado em sete dos oito setores da economia, houve saldo positivo no S.I.U.P. (+70).

Rio Grande do Norte (-5.468) também foi infligido pelo desemprego que afetou principalmente o setor da Agropecuária (-4.744), Comércio (-1.187, deriva diretamente do Comércio varejista que registrou perda de 1.193 postos de trabalho) e Indústria de Transformação (-1.012, ligado principalmente pelo número de desligado na Indústria química; cujo saldo final foi negativo em -1.256). Em consonância, os setores da Construção Civil (-478), Extrativa Mineral (-159) e Administração Pública (-30) também contribuíram para o saldo negativo do Estado. Porém, houve saldo positivo no ramo de Serviços (+2.065, ligado ao número de admitidos no Comércio e administração de imóveis, valores mobiliários e serviços técnicos; com saldo total positivo de 1.304) e S.I.U.P. (+77).

O Estado do Ceará (-7.965) teve perdas nos postos de trabalho celetista para o primeiro trimestre de 2019. Setorialmente, o saldo negativo foi impactado com maior relevância no Comércio (-4.202), na Construção Civil (-3.684) e na Agropecuária (-1.218). Da mesma forma, houve perdas na Indústria de Transformação (-598) e Extrativa Mineral (-16). Apesar disso, ocorreu geração de emprego nos Serviços (+1.514, em especial, no Ensino +1.453), S.I.U.P. (+146) e Administração Pública (+93).

Paraíba (-8.497) obteve saldo negativo na variação entre admitidos e desligados. Cabe destacar que a perda de postos de emprego tanto na Indústria de Transformação (-4.622, cuja perda principal foi na Indústria de produtos alimentícios e bebidas, -2.463) quanto na Agropecuária (-4.034) foram, de certa medida, impactada pelo segmento sucroalcooleiro. Em concordância com o saldo negativo do Estado da Paraíba, o setores do Comércio (-314), Construção Civil (-113) e Extrativa Mineral (-35) obtiveram perdas nos postos de trabalho no acumulado de 2019.

As maiores perdas dos trabalhos celetistas no Nordeste ocorreram em Alagoas (-16.992) e Pernambuco (-26.992), que correspondem a 64,6% do saldo negativo do Nordeste. Cabe destacar que tais Estados foram afetados, principalmente pelo setor sucroalcooleiro. Em Alagoas, os setores afetados pelo desemprego foram, principalmente, na Indústria de Transformação (-15.703, cujo resultado está ligado a Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico; que perdeu -15.618), tendo também ocorrido perda na Agropecuária (-1.989). Em Pernambuco, o resultado foi impactado pela Indústria de Transformação (-19.873, com maior redução na Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico, extinção de 17.432 postos), Comércio (-4.538) e Agropecuária (-3.672).

Tabela 2 - Movimentação de admitidos e desligados no Brasil, Nordeste e Estados - fevereiro de 2019 e acumulado dos últimos doze meses

Estado/Região	Jan - Mar/2019				Últimos Doze Meses (Abr/18 a Mar/19)			
	Admitidos	Desligados	Saldos	Var. (%)	Admitidos	Desligados	Saldos	Var. (%)
Bahia	149.016	137.837	11.179	0,66	598.513	571.613	26.900	1,60
Piauí	21.717	24.639	-2.922	-1,00	91.124	89.604	1.520	0,53
Maranhão	34.047	37.381	-3.334	-0,72	149.865	144.381	5.484	1,20
Sergipe	20.411	25.302	-4.891	-1,71	85.375	85.761	-386	-0,14
Rio G. do Norte	34.742	40.210	-5.468	-1,29	146.700	141.881	4.819	1,16
Ceará	92.830	100.795	-7.965	-0,69	385.994	374.518	11.476	1,02
Paraíba	28.802	37.299	-8.497	-2,10	124.605	121.899	2.706	0,69
Alagoas	23.907	40.899	-16.992	-4,82	118.388	113.717	4.671	1,41
Pernambuco	89.143	115.441	-26.298	-2,11	395.638	399.500	-3.862	-0,31
<b>Nordeste</b>	<b>494.615</b>	<b>559.803</b>	<b>-65.188</b>	<b>-1,03</b>	<b>2.096.202</b>	<b>2.042.874</b>	<b>53.328</b>	<b>0,86</b>

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do CAGED.

## 7 Comércio Exterior

A balança comercial brasileira apresentou superávit de US\$ 10.515,6 milhões no primeiro trimestre de 2019, valor 14,1% inferior ao apresentado no mesmo período de 2018 (US\$ 12.243,0 milhões), segundo dados divulgados pelo Ministério da Economia.

As exportações totalizaram US\$ 52.653,8 milhões, queda de 3,7% em relação ao primeiro trimestre do ano passado. Nesse período, os preços médios das mercadorias exportadas por tonelada retrocederam 6,8%, enquanto a quantidade embarcada subiu 3,4%.

Já as importações somaram US\$ 42.138,2 milhões, queda de 0,7% no trimestre relativamente a mesmo período de 2018. Os preços caíram 2,3% em média e a quantidade importada cresceu 1,7% no período.

A corrente de comércio do Brasil, indicador expresso pela soma dos valores exportados e importados pelo País, alcançou US\$ 94.792,0 milhões neste trimestre ante US\$ 97.088,6 milhões no acumulado até março de 2018, queda de 2,4% no período em análise.

A decomposição das exportações brasileiras por fator agregado (Tabela 1) mostra que, no primeiro trimestre de 2019, os produtos básicos representaram 49,5% da pauta exportadora, registrando alta de 7,3%, comparativamente ao primeiro trimestre do ano passado.

Os principais produtos desse grupo, Soja (US\$ 6.128,9 milhões, 11,6% da pauta total), Óleos brutos de petróleo (US\$ 5.303,9 milhões, 10,1%) e Minérios de ferro e seus concentrados (US\$ 4.620,5 milhões, 8,8%) responderam por 30,5% do total exportado pelo País, no acumulado até março deste ano. Comparativamente a igual período de 2018, as vendas externas de Soja e de Minérios de ferro cresceram 19,6% e 3,5%, respectivamente, enquanto as exportações de Óleos brutos de petróleo recuaram 0,3%.

O decréscimo das exportações de produtos semimanufaturados (-3,8%) foi causado, principalmente, pela queda de 33,9% nas exportações de Açúcar de cana (de US\$ 1.254,1 milhões para US\$ 828,7 milhões) no período em análise.

A queda de 9,9% na comercialização de produtos manufaturados (36,9% da pauta) puxou o decréscimo nas exportações totais do País. No período jan-mar/2019 frente a jan-mar/2018, decresceram as vendas, principalmente, de Tratores (-69,4%), Açúcar refinado (-65,1%), Veículos de carga (-52,2%) e Automóveis de passageiros (-44,7%).

Pelo lado das importações brasileiras, a desagregação por grandes categorias econômicas (Tabela 2) revela que as compras de Bens Intermediários (58,7% do total) aumentaram 2,2%, no período em análise. Nessa categoria, foram importados, principalmente: Insumos industriais elaborados (36,2%), Peças e acessórios para bens de capital (11,2%) e Peças para equipamentos de transporte (6,8%). Entretanto, enquanto as importações de Insumos industriais elaborados aumentaram 5,9%, as de Peças e acessórios para bens de capital e Peças para equipamentos de transporte retrocederam 2,9% e 16,4%, respectivamente.

Já as aquisições de Bens de Capital aumentaram 5,9%, no período jan-mar/2019 frente a jan-mar/2018, devido, principalmente, a compra de plataforma para extração de petróleo e de veículos automóveis com motor a diesel.

De modo inverso, as categorias Bens de Consumo (14,4% das importações) e Combustível e Lubrificante (11,2%) registraram queda nas aquisições de 4,4% e 16,1%, respectivamente.

Os principais destinos das vendas externas brasileiras, no acumulado de 2019, foram: China (25,7%, especialmente soja; óleos brutos de petróleo; e minérios de ferro); Estados Unidos (12,7%, com destaque para produtos semimanufaturados de ferro ou aços; e máquinas e aparelhos p/ terraplanagem e perfuração); Argentina (4,5%, cabendo mencionar automóveis de passageiros; partes e peças para veículos automóveis e tratores).

Já os principais países de origem das importações brasileiras foram: China (24,3% - plataformas de perfuração ou de exploração e dragas; e aparelhos transmissores ou receptores e componentes); Estados Unidos (15,5% - óleos combustíveis); e Argentina (6,4% - veículos de carga; trigo em grãos; e automóveis de passageiros).

O saldo da balança comercial brasileira segundo principais parceiros, no acumulado até março de 2019, registrou superávit com a China (US\$ 3.297,4 milhões) e Estados Unidos (US\$ 143,0 milhões) porém, foi deficitário com a Argentina (US\$ 333,7 milhões).

O Ministério da Economia estimou, em US\$ 50,1 bilhões, o saldo da balança comercial para 2019, com alta de 2,5% nas exportações e de 8,0% nas importações.

Gráfico 1 - Exportações, importações, saldo da balança comercial e corrente de comércio - jan-mar/2019/2018 - US\$ bilhões



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Ministério da Economia.

Tabela 1 - Brasil - Exportação por fator agregado - jan-mar/2019/2018 - US\$ milhões FOB

Fator agregado	jan-mar/2019		jan-mar/2018		Variação (%)
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Básicos	26.075,7	49,5	24.306,5	44,5	7,3
Industrializados	26.573,6	50,5	28.980,5	53,0	-8,3
Semimanufaturados	7.138,2	13,6	7.420,1	13,6	-3,8
Manufaturados	19.435,4	36,9	21.560,5	39,4	-9,9
Operações especiais	4,5	0,0	1.378,8	2,5	-99,7
<b>Total</b>	<b>52.653,8</b>	<b>100,0</b>	<b>54.665,8</b>	<b>100,0</b>	<b>-3,7</b>

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Ministério da Economia.

Tabela 2 - Brasil - Importação por grandes categoria econômicas - jan-mar/2019/2018 - US\$ milhões

Categoria econômica	jan-mar/2019		jan-mar/2018		Variação (%)
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Bens de capital	6.620,6	15,7	6.253,5	14,7	5,9
Bens intermediários	24.741,4	58,7	24.214,1	57,1	2,2
Bens de consumo	6.048,4	14,4	6.326,5	14,9	-4,4
Bens de consumo não duráveis	4.735,1	11,2	4.872,7	11,5	-2,8
Bens de consumo duráveis	1.313,3	3,1	1.453,9	3,4	-9,7
Combustíveis e lubrificantes	4.706,9	11,2	5.607,8	13,2	-16,1
Bens não especificados anteriormente	21,0	0,0	21,0	0,0	0,0
<b>Total</b>	<b>42.138,2</b>	<b>100,0</b>	<b>42.422,8</b>	<b>100,0</b>	<b>-0,7</b>

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Ministério da Economia.

A balança comercial nordestina acumulou deficit de US\$ 1.055,0 milhões no primeiro trimestre de 2019, 13,9% menor que o registrado em mesmo período de 2018 (US\$ 1.225,7 milhões). As exportações, nesse período, somaram US\$ 3.545,1 milhões, queda de 3,8% quando comparada ao primeiro trimestre de 2018. Já as importações totalizaram US\$ 4.600,2 milhões, registrando recuo nas compras de 11,9%, nesse período comparativo (Gráfico 2).

A desagregação das exportações nordestinas por fator agregado (Tabela 3) mostra que, no período em análise, as vendas dos produtos básicos (25,0% da pauta nordestina) registraram crescimento de 34,5%. Destacaram-se as exportações de Soja (6,6% da pauta), Minérios de ferro (2,7%) e Farelo e resíduos da extração de óleo de soja (2,6%).

Já nas exportações de semimanufaturados, as vendas dos principais produtos do grupo, Celulose (9,6% da pauta), Produtos semimanufaturados de ferro e aço (7,3%) e Açúcar de cana, em bruto (1,9%) decresceram 47,5%, 1,5% e 54,3%, respectivamente, no primeiro trimestre deste ano frente a igual período do ano passado.

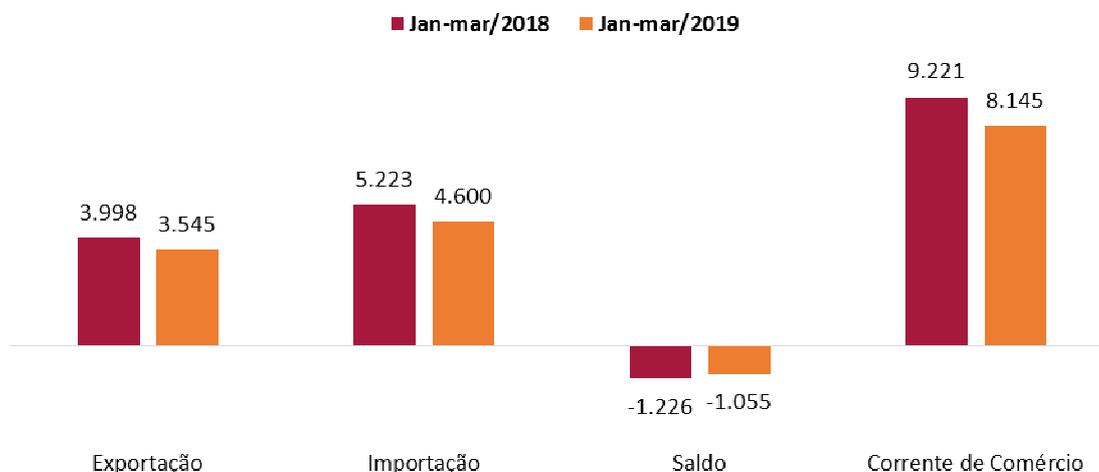
Os produtos manufaturados, os mais representativos da pauta de exportação da Região (46,3% de participação), registraram queda de 14,0% das vendas externas no período em análise. Contribuíram para esse resultado, a queda nas exportações de Alumina Calcinada (-0,6%), Óleos combustíveis (-41,7%) e Automóveis de passageiros (-57,2%).

Os cinco principais parceiros comerciais do Nordeste absorveram 55,8% das vendas externas da Região, no primeiro trimestre de 2018: Estados Unidos (18,9% - Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço; Fuel oil; Alumina calcinada; etc), China (14,6% - Soja; Pastas químicas de madeira; Cátodos e seus elementos de cobre refinado; etc), Holanda (8,2% - Pastas químicas de madeira; Pentóxido de vanádio; Fuel oil; etc), Canadá (7,7% - Alumina calcinada; Outros resíduos/desperdícios, de outros metais preciosos, etc; Bulhão dourado; etc) e Argentina (6,4% - Automóveis com motor explosão, de cilindrada superior a 1.000 cm<sup>3</sup>, mas não superior a 1.500 cm<sup>3</sup>, com capacidade de transporte de pessoas sentadas inferior ou igual a seis, incluindo o motorista; Alumina calcinada; Outros fios de cobre refinado; etc). Comparativamente ao primeiro trimestre de 2018, as exportações para a Estados Unidos (-4,3%), China (-5,1%) e Argentina (-58,2%) decresceram, enquanto as vendas para a Holanda (+20,2%) e Canadá (+29,4%) cresceram.

Do lado das importações nordestinas (Tabela 4), todas as grandes categorias econômicas registraram queda nas aquisições: Combustíveis e lubrificantes (-21,5%), Bens de capital (-11,8%), Bens intermediários (-6,8%), e Bens de Consumo (-5,6%). Óleo diesel (10,1%), Naftas para petroquímica (7,6%), Sulfetos de minérios de cobre e seus concentrados (5,7%), Outras gasolinas, exceto para aviação (4,9%) e Outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semeadura (3,5%) foram os principais itens importados.

Estados Unidos (28,6% - Óleo diesel; Outros propanos liquefeitos; Outras gasolinas, exceto para aviação; etc), China (10,2% - Produtos laminados planos, de ferro ou aço não ligado; Partes de outros motores/geradores/grupos eletrogeradores, etc.; Glifosato e seu sal de monoisopropilamina; etc), Argentina (9,0% - Outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semeadura; Outros veículos automóveis com motor diesel, para carga <= 5 toneladas; Automóveis com motor diesel, cm<sup>3</sup> > 2500, superior a 6 passageiros; etc), Holanda (4,1% - Outras gasolinas, exceto para aviação; Gás natural liquefeito; Misturas de nitrato de amônio com carbonato de cálcio ou com outras matérias inorgânicas desprovidas de poder fertilizante; etc) e Chile (3,9% - Sulfetos de minérios de cobre e seus concentrados; Outros adubos/fertilizantes minerais químicos com nitrogênio e potássio; Cobre não refinado; ânodos de cobre para refinação eletrolítica; etc) foram os principais países de origem das importações nordestinas no primeiro trimestre de 2019. Ante o primeiro trimestre de 2018, cresceram as compras oriundas da Argentina (+4,7%), Holanda (29,7%) e Chile (79,1%) enquanto as dos Estados Unidos (-20,2%) e China (-8,9%) recuaram.

Gráfico 2 - Nordeste: Exportações, importações, saldo da balança comercial e corrente de comércio - Jan-mar/2018/2019 - US\$ milhões



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA.

Tabela 3 - Nordeste - Exportação por fator agregado - Jan-mar/2019/2018 - US\$ milhões FOB

Fator agregado	jan-mar/2019		jan-mar/2018		Variação %
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Básicos	886,6	25,0	659,4	16,5	34,5
Industrializados	2.658,2	75,0	3.301,7	82,6	-19,5
Semimanufaturados	1.018,2	28,7	1.394,9	34,9	-27,0
Manufaturados	1.639,9	46,3	1.906,8	47,7	-14,0
Operações especiais	0,3	0,0	36,5	0,9	-99,1
<b>Total</b>	<b>3.545,1</b>	<b>100,0</b>	<b>3.997,5</b>	<b>100,0</b>	<b>-11,3</b>

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA.

Nota: Transações especiais e Consumo de bordo.

Tabela 4 - Nordeste - Importação por grandes categorias econômicas - jan-mar/2019/2018 - US\$ milhões FOB

Categoria de uso	jan-mar/2019		jan-mar/2018		Variação %
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Bens de capital	294,3	6,4	333,7	6,4	-11,8
Bens intermediários	2.587,8	56,3	2.776,7	53,2	-6,8
Bens de consumo	352,4	7,7	373,5	7,2	-5,6
Bens de consumo não duráveis	260,7	5,7	266,0	5,1	-2,0
Bens de consumo duráveis	91,7	2,0	107,5	2,1	-14,6
Combustíveis e lubrificantes	1.364,9	29,7	1.739,2	33,3	-21,5
Bens não classificados	0,6	0,0	0,1	0,0	600,7
<b>Total</b>	<b>4.600,1</b>	<b>100,0</b>	<b>5.223,2</b>	<b>100,0</b>	<b>-11,9</b>

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA.

A Bahia lidera o ranking dos estados exportadores nordestinos, participando com 49,4% do total das vendas externas. Nos três primeiros meses do ano, as exportações somaram US\$ 1.751,2 milhões, queda de 6,1% ante O mesmo período de 2018, enquanto que as importações atingiram US\$ 1.874,8 milhões, aumento de 28,6% na mesma comparação. A balança comercial do Estado, portanto, registrou déficit de US\$ 123,6 milhões. Pasta química de madeira (11,9%), Óleos combustíveis (9,4%) e Soja (6,6%) foram os principais produtos exportados pelo Estado, no trimestre. Comparativamente ao mesmo período de 2018, as vendas de Pasta química de madeira retrocederam 39,0% enquanto as de Óleos combustíveis e Soja cresceram 25,6% e 26,9%, respectivamente. Vale ressaltar, também, a queda de 54,4% nas vendas de automóveis, principalmente, para a Argentina que passa por uma crise econômica.

No Maranhão, segundo maior exportador do Nordeste, as vendas ao exterior (US\$ 682,2 milhões) registraram redução de 7,2% e as aquisições (US\$ 573,8 milhões) retrocederam 16,8%, no período de janeiro a março de 2019, frente a mesmo período do ano passado. Alumina calcinada (51,5%), Minérios de ferro e seus concentrados (14,1%) e Pasta química de madeira (12,7%) foram os principais produtos exportados pelo Estado, no primeiro trimestre de 2019. Canadá (28,4%), Estados Unidos (21,5%), China (15,5%) absorveram 65,4% das exportações maranhenses, nesse período.

O comércio exterior do Estado do Ceará gerou superávit de US\$ 63,6 milhões, nos três primeiros meses do ano, resultado de exportações de US\$ 537,4 milhões (+9,9%) e de importações em US\$ 473,9 milhões (-22,7%). As vendas de produtos semimanufaturados de ferro e aço representaram 45,1% das exportações do Estado. Em seguida, vêm os embarques de Partes de outros motores/ geradores/ grupos eletrogeradores, com 9,1% de participação e significativo aumento nas vendas de 643%, no período de jan-mar/2019 frente a jan-mar/2018. Estados Unidos (37,1%), Itália (14,2%) e Turquia (8,2%) foram os principais países de destino das exportações cearenses.

Em Pernambuco, o montante importado (US\$ 1.332,1 milhões) superou o exportado (US\$ 286,6 milhões), ocasionando déficit de US\$ 1.045,5 milhões no saldo da balança comercial, nos três primeiros meses do ano. Comparativamente ao mesmo período de 2018, as exportações decresceram 52,7% e as importações, 35,6%, devido, principalmente, à redução das vendas e compras de óleo diesel. As aquisições externas tiveram como principais países de origem os Estados Unidos (39,4%), Argentina (11,5%) e Índia (9,9%).

No Rio Grande do Norte, o saldo da balança comercial, no acumulado até março deste ano, registrou superávit de US\$ 76,9 milhões, decorrente de US\$ 111,2 milhões de exportações e de US\$ 34,3 milhões de importações. Frente ao mesmo período do ano passado, as exportações cresceram 27,5% e as importações, 6,4%. Melões frescos (41,9%), Melancias frescas (11,8%) e Sal marinho (10,9%) foram os principais itens da pauta de exportação potiguar. Estados Unidos (28,9%), Argentina (13,0%) e Países Baixos (Holanda) (12,7%) foram os principais destinos dos embarques do Estado.

Alagoas registrou déficit em sua balança comercial, da ordem de US\$ 46,9 milhões, resultado de US\$78,0 milhões de exportações e US\$ 124,9 de importações, realizadas entre janeiro e março de 2019. Relativamente a janeiro a março do ano passado, tanto as exportações alagoanas (-39,7%) como as importações (-29,8%) decresceram. Nesse período comparativo, o principal produto exportado, Outros açúcares de cana (83,9% da pauta), registrou recuo de 47,7% no valor exportado. Quanto aos países de destino das exportações, Estados Unidos (21,3%), Tunísia (16,7%) e Argélia (15,3%) adquiriram 65,4% das vendas externas alagoanas.

O Piauí acumulou superávit de US\$ 20,8 milhões, no primeiro trimestre de 2019. O desempenho positivo foi por conta do aumento de 43,7% das exportações e da queda de 12,8% no valor das importações, no período em análise. Soja representou 71,7% da pauta do Estado, registrando aumento de 121,2% no valor exportado. China (71,7%), Estados Unidos (9,4%), Alemanha (5,4%) foram os destinos principais das vendas externas piauienses.

A Paraíba acumulou déficit de US\$ 74,7 milhões na balança comercial entre janeiro a março deste ano. Comparativamente ao mesmo período do ano passado, as exportações aumentaram 6,1%, enquanto as importações declinaram 1,6%. Calçados de borracha ou plástico (53,1%), Ilmenita (minérios de titânio) (9,7%), Outros calçados de matéria têxtil (5,7%) representaram 68,5% do valor exportado. França (22,3%), Estados Unidos (9,0%), Bélgica (8,3%) foram os principais países de destinos das exportações paraibanas.

Sergipe exportou, nos três primeiros meses deste ano, US\$ 18,1 milhões, 22,3% inferior ao total registrado no mesmo período de 2018. Esse resultado decorreu, principalmente, da queda nas vendas de Suco de laranja (-26,2%) e de Outros calçados com sola exterior de borracha, plástico, couro natural (-21,0%) apesar do aumento do valor exportado de Outros açúcares de cana (+39,6%). Já as importações cresceram 17,4%, nesse período, resultando no déficit de US\$ 34,1 milhões, no acumulado do ano, na balança comercial do Estado.

Tabela 5 - Nordeste e Estados - Exportação, Importação e Saldo da Balança Comercial - US\$ milhões FOB

Estado/Região	Exportação			Importação			Saldo
	Valor	Part. (%)	Var % 2019/2018	Valor	Part. (%)	Var % 2019/2018	
Maranhão	682,2	19,2	-7,2	573,8	12,5	-16,8	108,4
Piauí	51,7	1,5	43,7	30,9	0,7	-12,8	20,8
Ceará	537,4	15,2	9,9	473,9	10,3	-22,7	63,6
Rio Grande do Norte	111,2	3,1	27,5	34,3	0,7	6,4	76,9
Paraíba	28,6	0,8	6,1	103,3	2,2	-1,6	-74,7
Pernambuco	286,6	8,1	-52,7	1.332,1	29,0	-35,6	-1.045,5
Alagoas	78,0	2,2	-39,7	124,9	2,7	-29,8	-46,9
Sergipe	18,1	0,5	-22,3	52,2	1,1	17,4	-34,1
Bahia	1.751,2	49,4	-6,1	1.874,8	40,8	28,6	-123,6
<b>Nordeste</b>	<b>3.545,1</b>	<b>100,0</b>	<b>-11,3</b>	<b>4.600,2</b>	<b>100,0</b>	<b>-11,9</b>	<b>-1.055,1</b>

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da SEPEC/ME.

Tabela 6 - Principais produtos exportados e importados no primeiro trimestre de 2019

Estado/Região	Principais Produtos Exportados	Principais Produtos Importados
Maranhão	Alumina calcinada (51,5%), Minérios de ferro e seus concentrados (14,1%), Pasta quím. madeira (12,7%)	Gasóleo (óleo diesel) (42,6%), Outras gasolinas, exceto para aviação (13,9%), Álcool etílico (13,9%)
Piauí	Soja, mesmo triturada, exceto p/ sementeira (71,7%), Ceras vegetais (21,3%), Mel natural (2,3%)	Produtos laminados planos, de ferro ou aço não ligado (18,2%), Barras de ferro ou aço não ligado (11,8%), Outros produtos laminados planos, de ferro ou aço (8,1%)
Ceará	Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço (45,1%), Partes de outros motores/ geradores/ grupos eletrogeradores, etc. (9,1%), Calçados de borracha ou plásticos, com parte superior em tiras ou correias (6,3%)	Hulha betuminosa, não aglomerada (20,1%), Outros trigos e misturas de trigo c/centeio (10,2%), Gasóleo (óleo diesel) (4,3%)
Rio G. do Norte	Melões frescos (41,9%), Melancias frescas (11,8%), Sal marinho (10,9%)	Outros trigos e misturas de trigo com centeio (40,9%), Polietileno linear, densidade < 0.94, em forma primária (4,7%), Coque de petróleo não calcinado (4,5%),
Paraíba	Calçados de borracha/plást. c/parte superior em tiras, etc. (53,1%), Ilmenita (minérios de titânio) (9,7%), Outros calçados de matéria têxtil, sola de borracha/plástico (5,7%)	Outras naftas, exceto para petroquímica (13,9%), Malte não torrado, inteiro ou partido (12,3%), Outros trigos e misturas de trigo c/centeio, exc. p/ sementeira (9,8%)
Pernambuco	Fueloil (25,6%), Automóveis c motor a explosão, 1500 < cm3 <= 3000, até 6 passag. (11,7%), Poli (tereftalato de etileno) (9,2%)	Gasóleo (Óleo diesel) (14,5%), Outros propanos liquefeitos (11,4%), Outras gasolinas, exceto para aviação (9,1%)
Alagoas	Outros açúcares de cana (83,9%), Poli (cloreto de vinila) (4,8%), Outros açúcares de cana (2,5%)	Outros trigos e misturas de trigo com centeio, exc. p/ sementeira (5,0%), Alhos frescos ou refrigerados (3,50%), Outros cloretos de potássio (3,0%)
Sergipe	Suco (sumo) de laranja, não fermentado (52,7%), Outros açúcares de cana (18,5%), Outros óleos essenciais, de laranja (4,9%)	Outros tubos flexíveis de ferro ou aço (34,8%), Outros trigos e misturas de trigo c/centeio (13,2%), Coque de petróleo não calcinado (5,8%)
Bahia	Pasta química madeira (11,9%), Fueloil (9,4%), Soja, mesmo triturada (6,6%)	Naftas para petroquímica (18,6%), Sulfetos de minérios de cobre (14,1%), Gás nat. liquefeito (6,8%)
<b>Nordeste</b>	<b>Alumina calcinada (9,9%), Pasta química de madeira (8,3%), Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço (6,8%)</b>	<b>Gasóleo (óleo diesel) (10,1%), Naftas para petroquímica (7,6%), Sulfetos de minérios de cobre e seus concentrados (5,7%)</b>

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da SEPEC/ME.

Tabela 7 - Principais países de destino das exportações e de origem das importações - Em % - Jan-mar/2019

Estados	Principais Países de Destinos das Exportações	Principais Países de Origens das Importações
Maranhão	Canadá (28,4%), Estados Unidos (21,5%), China (15,5%)	Estados Unidos (63,7%), Emirados Árabes Unidos (7,7%), Países Baixos (Holanda) (6,5%)
Piauí	China (71,7%), Estados Unidos (9,4%), Alemanha (5,4%)	China (28,1%), Ucrânia (22,5%), Turquia (12,5%)
Ceará	Estados Unidos (37,1%), Itália (14,2%), Turquia (8,2%)	China (213,3%), Estados Unidos (22,3%), Argentina (11,2%)
Rio G. do Norte	Países Baixos (Holanda) (22,8%), Estados Unidos (18,1%), Reino Unido (18,0%)	Argentina (45,3%), Estados Unidos (17,3%), China (9,6%)
Paraíba	França (22,3%), Estados Unidos (9,0%), Bélgica (8,3%)	China (21,3%), Estados Unidos (21,0%), Argentina (17,6%)
Pernambuco	Estados Unidos (28,9%), Argentina (13,0%) Países Baixos (Holanda) (12,7%)	Estados Unidos (39,4%), Argentina (11,5%), Índia (9,9%)
Alagoas	Estados Unidos (21,3%), Tunísia (16,7%), Argélia (15,3%)	China (48,0%), Argentina (9,4%), Estados Unidos (8,0%)
Sergipe	Bélgica (29,9%), Países Baixos (Holanda) (25,1%), Benin (8,6%)	Reino Unido (35,0%), Estados Unidos (15,9%), Argentina (13,2%)
Bahia	China (20,4%), Estados Unidos (11,3%), Países Baixos (Holanda) (8,0%)	Estados Unidos (14,7%), Chile (9,1%), China (8,0%)
<b>Nordeste</b>	<b>Estados Unidos (18,9%), China (14,6%), Países Baixos (Holanda) (8,2%)</b>	<b>Estados Unidos (28,6%), China (10,2%), Argentina (9,0%)</b>

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da SEPEC/ME.

## 8 Finanças Públicas

As Transferências Fiscais representam repasses de verbas entre instituições públicas, a exemplo do Fundo de Participação dos Estados (FPE) e do Fundo de Participação dos Municípios (FPM).

Tanto o FPE quanto o FPM são oriundos de um percentual da receita obtida com o Imposto de Renda (IR) e com o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

Os repasses para os Estados e municípios são determinados, principalmente, pela dimensão da população e pelo nível de renda per capita dos entes federativos.

Ressalte-se que as Unidades Federativas das regiões de menor desenvolvimento econômico, a exemplo do Nordeste, dependem de forma substancial desses repasses constitucionais.

Conforme a Secretaria do Tesouro Nacional (STN), o FPE no Brasil totalizou R\$ 21,9 bilhões no primeiro trimestre de 2019, ante R\$ 19,7 bilhões no mesmo período de 2018, conforme a Tabela 1. O crescimento real do FPE, descontada a inflação do período, foi de +6,8%.

O FPE para os Estados do Nordeste alcançou R\$ 11,4 bilhões no primeiro trimestre de 2019, em contraste com R\$ 10,3 bilhões em igual período de 2018, significando aumento real de +6,7%, em comparação com o mesmo período de 2018. Portanto, o Nordeste absorveu 52,2% do total do FPE nacional nos três primeiros meses de 2019.

Os Estados do Nordeste obtiveram crescimento real no volume de recursos do FPE no primeiro trimestre de 2019, em comparação com iguais meses de 2018. Bahia (R\$ 2,1 bilhões), Ceará (R\$ 1,6 bilhão), Maranhão (R\$ 1,6 bilhão), Pernambuco (R\$ 1,5 bilhão) e Paraíba (R\$ 1,0 bilhão) foram as Unidades Federativas que mais se beneficiaram desses recursos no período em questão. Seguiram Piauí (R\$ 948 milhões), Alagoas (R\$ 925 milhões), Rio Grande do Norte (R\$ 915 milhões) e Sergipe (R\$ 904 milhões).

O FPM no País somou R\$ 22,9 bilhões no primeiro trimestre de 2019, em comparação com R\$ 20,6 bilhões no mesmo período de 2018 (Tabela 1). O crescimento real alcançou +6,8%. O FPM para o Nordeste totalizou R\$ 8,1 bilhões, em contraste com R\$ 7,3 bilhões em iguais meses de 2018, representando crescimento real de +6,7%, em comparação com o mesmo período de 2018. O Nordeste absorveu 35,4% do total do FPM nacional nos três primeiros meses de 2019.

As unidades federativas do Nordeste obtiveram crescimento real no volume de recursos do FPM nos três primeiros meses de 2019, em comparação com iguais meses de 2018. Bahia (R\$ 2,1 bilhões), Ceará (R\$ 1,1 bilhão), Pernambuco (R\$ 1,1 bilhão) e Maranhão (R\$ 962 milhões) foram os Estados que mais receberam recursos no período analisado. Seguiram Paraíba (R\$ 719 milhões), Piauí (R\$ 608 milhões), Rio Grande do Norte (R\$ 567 milhões), Alagoas (R\$ 520 milhões) e Sergipe (R\$ 342 milhões).

O FPM destinado para as capitais atingiu R\$ 2,3 bilhões no primeiro trimestre de 2019, em contraste com R\$ 2,1 bilhões em iguais meses de 2018, significando incremento de +6,8% em termos reais, em relação a iguais meses de 2018.

O FPM para as capitais do Nordeste alcançou R\$ 1,1 bilhão no primeiro trimestre de 2019, ante R\$ 959 milhões em iguais meses de 2018. As capitais do Nordeste receberam 46,2% do total dessas transferências destinadas às capitais do País.

Fortaleza (R\$ 196 milhões), Salvador (R\$ 176 milhões), Recife (R\$ 123 milhões), São Luís (R\$ 122 milhões) e Teresina (R\$ 122 milhões) receberam o maior volume de recursos dentre as capitais do Nordeste. Seguiu Maceió (R\$ 98 milhões), João Pessoa (R\$ 78 milhões), Natal (R\$ 71 milhões) e Sergipe (R\$ 71 milhões).

Tabela 1 - FPE e FPM - Brasil, Nordeste e Estados - Primeiro trimestre de 2018 e 2019

Estados/Região	FPE		FPM		FPM CAPITAIS	
	2018	2019	2018	2019	2018	2019
Alagoas	825	925	468	520	89	98
Bahia	1.840	2.037	1.894	2.103	160	176
Ceará	1.436	1.588	1.025	1.138	178	196
Maranhão	1.415	1.570	867	962	111	122
Paraíba	939	1.035	647	719	71	78
Pernambuco	1.352	1.501	1.015	1.126	112	123
Piauí	851	948	548	608	111	122
Rio Grande do Norte	818	915	511	567	64	71
Sergipe	812	904	308	342	64	71
<b>Nordeste</b>	<b>10.288</b>	<b>11.423</b>	<b>7.284</b>	<b>8.085</b>	<b>959</b>	<b>1.058</b>
Espírito Santo	304	344	368	421	36	47
Minas Gerais	882	983	2.706	3.007	107	118
<b>Brasil</b>	<b>19.688</b>	<b>21.889</b>	<b>20.603</b>	<b>22.907</b>	<b>2.060</b>	<b>2.291</b>

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da STN.

## 9 Intermediação Financeira

O saldo das operações de crédito do sistema financeiro nacional atingiu R\$ 3,3 trilhões em março, implicando crescimento de 5,7% nos últimos 12 meses, e leve avanço de 0,3% no primeiro trimestre de 2019 (Gráfico 1 e Tabela 1). No acumulado de 2019, o saldo de crédito destinado às pessoas jurídicas caiu 1,7%, somando R\$ 1,5 trilhão, enquanto a carteira de pessoas físicas aumentou 2,0%, totalizando R\$ 1,8 trilhão. Nesse cenário, a relação crédito/PIB foi ascendente em razão de ter atingido 47,1%, enquanto que comparativamente a março de 2018, havia registrado 46,7%, conforme dados divulgados pelo Banco Central do Brasil (BCB).

A taxa média de juros das operações contratadas em março alcançou 25,3% a.a., registrando aumento de 2,2 p.p. no 1º trimestre de 2019 e redução de 0,8 p.p. na comparação interanual. A elevação trimestral dos juros refletiu, em grande medida, o aumento nas operações sob o funding de recursos livres para pessoas físicas, que subiu 4,9%, alcançando 53,7% a.a., ao passo que para as empresas, a taxa média de juros registrou 19,8%, o que significou elevação de 1,0 p.p nos primeiros três meses de 2019. O spread médio das operações contratadas, que representa a diferença entre o custo de captação de recursos e a realização de operações de crédito, situou-se em 19,2%, sinalizando trajetória de elevação no trimestre (+2,3 p.p.).

O declínio do saldo de crédito dos recursos direcionados (-0,5% nos últimos 12 meses e -0,7% no primeiro trimestre de 2019), contribuiu para o desempenho moderado do saldo de crédito no País, particularmente na carteira de pessoas jurídicas. Quanto aos recursos direcionados, a carteira de pessoas jurídicas caiu 7,7% nos últimos 12 meses, bem como recuou 2,9% no 1º trimestre de 2019. Os recursos livres, por sua vez, aumentaram nos últimos 12 meses (+11,5%), e nos três primeiros meses de 2019 (+1,1%), principalmente em razão da expansão do crédito na modalidade pessoa física, que registrou expansão de 12,6% e 2,8%, nos últimos 12 meses e três meses, respectivamente.

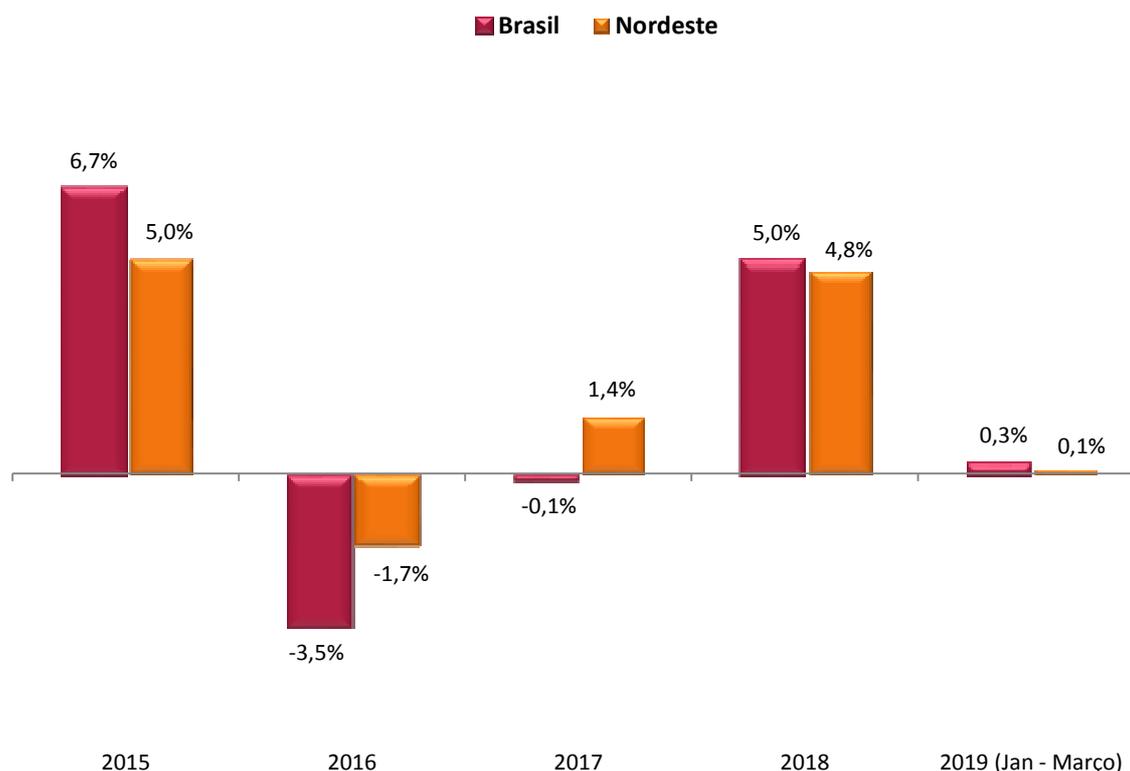
Regionalmente, consideradas as operações acima de R\$ 1 mil, ocorreu incremento no saldo de crédito, no 1º trimestre de 2019, no Norte (+1,5%, saldo de R\$ 129,9 bilhões), Centro-Oeste (+1,2%, saldo de R\$ 374,2 bilhões), Sul (+0,8%, R\$ 618,1 bilhões) e Nordeste (+0,1%, saldo de R\$ 423,0 bilhões). Por outro lado, ocorreu retração no Sudeste (-0,1%, saldo de R\$ 1.680,2 bilhões).

Especificamente no Nordeste, o saldo de crédito que alcançou R\$ 423,0 bilhões, representa elevação de 5,1% nos últimos 12 meses e 0,1% no primeiro trimestre de 2019. As operações de crédito destinadas para pessoas físicas aumentaram 10,2% nos últimos 12 meses e 1,7% nos três primeiros meses de 2019. Quanto ao crédito para pessoas jurídicas, cujos recursos são essencialmente direcionados para a produção (investimentos e capital de giro), registrou recuo de 4,3% em 12 meses e queda de -3,1% no primeiro trimestre de 2019.

Entre os estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste, o saldo das operações de crédito no 1º trimestre de 2019 foi crescente no Espírito Santo (+2,3%), Maranhão (+1,7%), Paraíba (+1,4%), Alagoas (+1,4%), Bahia (+1,1%), Piauí (+0,9%), Minas Gerais (+0,7%) e Ceará (+0,3%). Por outro lado, Rio Grande do Norte (-0,2%), Sergipe (-0,9%) e Pernambuco (-3,2%) apresentaram resultados negativos.

A taxa de inadimplência regional do Nordeste registrou 3,41% em março ante 2,97% no País. Na área de atuação do Banco do Nordeste, Alagoas (+3,89%), Pernambuco (+3,86) e Paraíba (+3,81%) apresentaram as maiores taxas de inadimplência. Seguiram Rio Grande do Norte (+3,60%), Espírito Santo (+3,52%), Sergipe (+3,47%), Maranhão (+3,34%), Bahia (+3,18%), Piauí (+3,17%) e Ceará (+3,02%). Minas Gerais (+2,97%) registrou a menor inadimplência, inclusive inferior à média nacional.

Gráfico 1 - Saldo de crédito no Brasil e Nordeste - Variação (%) acumulada no ano <sup>(1)</sup>



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Banco Central.

Nota: (1) A variação de 2019 refere-se ao acumulado no 1º trimestre.

Tabela 1 - Saldo de crédito no Brasil e regiões - Variação (%) acumulada no ano <sup>(1)</sup>

País/Região	2015	2016	2017	2018	2019 (Até Março)
Nordeste	5,0%	-1,7%	1,4%	4,8%	0,1%
Sudeste	8,1%	-4,8%	-1,9%	4,0%	-0,1%
Norte	4,6%	-2,2%	2,4%	7,7%	1,5%
Sul	3,3%	-0,5%	2,1%	8,6%	0,8%
Centro Oeste	8,3%	-0,8%	3,1%	8,9%	1,2%
<b>Brasil</b>	<b>7,0%</b>	<b>-3,5%</b>	<b>-0,5%</b>	<b>5,0%</b>	<b>0,3%</b>

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Banco Central.

Nota: (1) A variação de 2019 refere-se ao acumulado no 1º trimestre.

## 10 Índices de Preços

A inflação brasileira alcançou +0,75% em março, acima, portanto, dos +0,43% registrados em fevereiro. A principal influência no índice nacional veio do grupo Alimentação e bebidas (+1,37%) e impacto no índice de 0,34 p.p, seguido por Transporte (+1,44%) e impacto no índice de 0,26 p.p., conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O IPCA acumulado em 2019 alcançou 1,51%. Nos últimos 12 meses, a variação de preços atingiu 4,58%, conforme os dados especificados nas Tabela 1 e 2, acima dos 3,89% obtidos nos 12 meses imediatamente anteriores.

As capitais com os menores índices inflacionários no primeiro trimestre de 2019 foram Brasília (+0,80%), Goiânia (+0,82%), Curitiba (+1,05%), Vitória (+1,25%) e Salvador (+1,32%). Por sua vez, as maiores variações ocorreram em Aracaju (+2,05%), Fortaleza (+1,89%), São Luís (+1,88%), Rio Branco (+1,82%) e Rio de Janeiro (+1,80%).

O IPCA do Nordeste, em março, foi de +0,92%, ante +0,43% em fevereiro. Assim, a inflação do Nordeste ficou abaixo apenas do índice da Região Sul (+1,01%), superando a variação de preços ocorrida no Norte (+0,52%), Centro-Oeste (+0,52%) e Sudeste (+0,68%), vide Tabela 1.

A dinâmica inflacionária no Nordeste em março decorreu, em grande medida, da variação de preços verificada em 3 grupos, que respondem por 60,17% do índice nordestino. Alimentação e bebidas (+1,60%), Transporte (+1,44%) e Habitação (+0,93%), que geraram impactos no índice regional de +0,46 p.p, +0,24 p.p e +0,14 p.p, respectivamente.

No primeiro trimestre de 2019, o IPCA do Nordeste atingiu +1,62%. Seguem as variações do IPCA nas demais regiões nesse período: Norte (+1,74%), Sudeste (+1,62%), Sul (+1,24%) e Centro-Oeste (+0,93%).

O índice do Nordeste, em 12 meses terminados em março de 2019, ficou em +4,65%, acima da média nacional (+4,58%), e dos índices do Sul (+4,61%), Norte (+4,30%) e Centro-Oeste (+3,96%), tendo sido superado ligeiramente pelo Sudeste (+4,66%).

A inflação no Nordeste no acumulado de 12 meses decorreu, em grande medida, da variação de preços verificada em Alimentação e bebidas (+6,89%), Habitação (+6,10%) e Educação (+5,79%).

Em relação às capitais do Nordeste, as maiores variações de preços no primeiro trimestre de 2019 ocorreram em Aracaju (2,05%), Fortaleza (1,89%), São Luís (1,88%), Recife (1,69%) e Salvador (1,32%), conforme detalhado na Tabela 3.

Por sua vez, as maiores variações de preços nos últimos 12 meses ocorreram em Salvador (4,75%), Aracaju (4,75%), Recife (4,59%), São Luís (4,58%) e Fortaleza (4,26%).

Em Aracaju, a elevação de preços no primeiro trimestre de 2019 foi puxada pelos grupos Educação (+7,60%), Alimentação e bebidas (+4,25%) e Artigos de residência (+1,47%), enquanto que em Fortaleza ocorreram variações mais expressivas nos grupos Educação (+5,30%), Alimentação e bebidas (+3,01%) e Artigos de residência (+2,15%), vide Tabela 3.

Em São Luís, cabe mencionar as elevações de preços nos grupos Habitação (+3,39%), Educação (+3,28%) e Alimentação e bebidas (+3,09%). Em Recife, ocorreram variações relevantes em Educação (+4,86%), Alimentação e bebidas (+4,12%) e Transporte (+1,54%). E finalmente em Salvador, cabe mencionar Educação (+4,65%), Alimentação e bebidas (+2,19%) e Transporte (+1,30%), conforme detalhado na Tabela 3.

Tabela 1 - Variação do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) no Brasil e Nordeste - Em %

IPCA - Grupo Pesquisado	2014		2015		2016		2017		2018		2019 <sup>(1)</sup>	
	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste
Alimentação e Bebidas	8,00	6,80	12,00	13,40	8,61	10,00	-1,87	-2,58	6,74	3,51	6,74	6,89
Habituação	8,80	10,30	18,30	12,50	2,84	6,29	6,26	7,00	6,10	3,95	6,10	6,10
Artigos de Residência	5,50	5,50	5,40	5,20	3,41	5,87	-1,48	-3,23	4,31	3,38	4,31	4,07
Vestuário	3,60	2,90	4,50	3,20	3,54	3,94	2,88	3,31	0,60	1,11	0,60	1,23
Transportes	3,80	2,70	10,20	10,90	4,24	3,24	4,10	5,54	3,70	3,90	3,70	3,83
Saúde e Cuidados Pessoais	7,00	7,00	9,20	9,10	11,05	11,51	6,52	5,59	3,84	3,73	3,84	3,25
Despesas Pessoais	8,30	7,50	9,50	10,40	8,01	7,50	4,39	3,86	3,51	2,49	3,51	2,97
Educação	8,50	7,90	9,20	8,90	8,87	7,69	7,11	8,03	4,89	6,13	4,89	5,79
Comunicação	-1,50	-0,40	2,10	3,10	1,27	0,95	1,76	1,63	-0,10	-0,17	-0,10	-0,26
<b>Geral</b>	<b>6,40</b>	<b>6,00</b>	<b>10,70</b>	<b>10,40</b>	<b>6,29</b>	<b>7,19</b>	<b>2,95</b>	<b>2,55</b>	<b>4,58</b>	<b>3,40</b>	<b>4,58</b>	<b>4,65</b>

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota: (1) A variação de 2019 refere-se aos últimos 12 meses encerrados em março do corrente ano.

Tabela 2 - Variação do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) - Capitais selecionadas, regiões e Brasil - Em %

Região/Capitais	Peso Regional (%)	Variação (%)			
		fev/19	mar/19	Ano	12 Meses
Salvador	6,12	0,18	0,76	1,32	4,75
Recife	4,20	0,59	0,82	1,69	4,59
Fortaleza	2,91	0,69	1,04	1,89	4,26
São Luis	1,87	0,43	1,36	1,88	4,58
Aracaju	0,79	0,54	1,21	2,05	4,75
<b>Nordeste</b>	<b>15,89</b>	<b>0,43</b>	<b>0,92</b>	<b>1,62</b>	<b>4,65</b>
Norte	4,65	0,95	0,52	1,74	4,30
Sudeste	55,37	0,47	0,68	1,62	4,66
Sul	16,19	0,16	1,01	1,24	4,61
Centro-Oeste	7,90	0,43	0,52	0,93	3,96
<b>Brasil</b>	<b>100,00</b>	<b>0,43</b>	<b>0,75</b>	<b>1,51</b>	<b>4,58</b>

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Tabela 3 - Variação do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) nas capitais do Nordeste - Primeiro trimestre de 2019 - Em %

IPCA - Grupo Pesquisado	São Luis	Aracaju	Fortaleza	Recife	Salvador
Alimentação e Bebidas	3,09	4,25	3,01	4,12	2,19
Habituação	3,39	1,17	1,44	-0,33	1,18
Artigos de Residência	-0,77	1,47	2,15	0,52	0,31
Vestuário	-1,02	-2,29	-0,37	-0,33	-1,46
Transportes	2,45	0,27	1,44	1,54	1,30
Saúde e Cuidados Pessoais	0,38	0,88	1,10	1,22	0,71
Despesas Pessoais	0,32	0,81	0,81	0,05	0,78
Educação	3,28	7,60	5,30	4,86	4,65
Comunicação	-0,25	-0,01	-0,21	-0,02	-0,12
<b>Índice Geral</b>	<b>1,88</b>	<b>2,05</b>	<b>1,89</b>	<b>1,69</b>	<b>1,32</b>

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

## 11 Cesta Básica

O custo do conjunto de alimentos essenciais subiu 6,2% no Brasil em março de 2019, e cresceu 8,9% no primeiro trimestre de 2019, conforme especificado na Tabela 1. Os dados são da Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE).

A cesta básica aumentou em todas as Regiões do País em março. O maior incremento ocorreu na Região Centro-Oeste (+7,6%), seguida pelo Sul (+7,0%), Norte (+6,5%), Nordeste (+6,0%) e Sudeste (+5,8%), de acordo com os dados apresentados na Tabela 1. Em março, os maiores impactos no índice nacional vieram dos preços do tomate (+31,6% de variação e impacto de +3,4 p.p.), feijão (+16,4% e 1,1 p.p.), do grupo arroz, farinha e batata (+21,5% e 1,0 p.p.) e da banana (+8,1% e 0,7 p.p.). No Nordeste, os maiores impactos vieram dos preços do feijão (+60,9% de variação e impacto de 5,3 p.p.), banana (+6,3% e 0,6 p.p.) e do tomate (+3,6% e 0,6 p.p.).

O custo da cesta básica aumentou no Brasil (+8,9%) e em todas as regiões no acumulado do primeiro trimestre de 2019: Centro-Oeste (+10,3%), Nordeste (+9,8%), Sudeste (+9,2%), Norte (+7,5%) e Sul (+4,2%). No Brasil, cinco produtos estão puxando o custo da cesta em 2019: feijão (+69,4%), batata (+47,0%), tomate (+14,1%), banana (+9,1%) e carne (+3,2%), à semelhança da tendência observada no Nordeste: feijão (+96,7%), tomate (+30,2%), banana (+6,5%) e carne (+3,8%).

Em termos de valores monetários, a cesta mais cara permanece sendo a do Sudeste (R\$ 504,36), seguida do Sul (R\$ 461,25) e a do Brasil (R\$ 459,79). Tem-se, então, a do Centro-Oeste (R\$ 458,78), Norte (R\$ 408,66) e a do Nordeste (R\$ 405,33) continua sendo a de menor valor, vide Tabela 1.

Dentre as capitais pesquisadas (18, no total), os menores crescimentos, em março de 2019, foram observados em Aracaju (+1,6%), Campo Grande (+2,0%) e Goiânia (+4,1%). Os maiores incrementos foram verificados em Brasília (+11,1%), Florianópolis (+7,3%), São Luís (+7,3%) e Curitiba (+7,2%).

Todas as capitais do Nordeste obtiveram incremento da cesta básica no primeiro trimestre de 2019, com as maiores variações tendo ocorrido em Salvador (+11,7%), João Pessoa (+10,2%) e Natal (+10,1%), vindo a seguir Recife (+9,8%), Fortaleza (+8,8%), Aracaju (+8,0%) e São Luís (+7,8%).

Em termos de valores monetários, Fortaleza permanece com a cesta básica mais cara no Nordeste (R\$ 445,12). Observa-se que a cesta básica dos fortalezenses é 9,8% maior que o valor da cesta regional (R\$ 405,33), além de superar em 16,4% a cesta mais barata da Região, ou seja, a de Salvador (R\$ 382,35). Seguem os custos das cestas nas demais capitais do Nordeste: Recife (R\$ 401,35), João Pessoa (R\$ 400,38), Natal (R\$ 399,01), São Luís (R\$ 395,58) e Aracaju (R\$ 385,62).

Em março, as principais variações de preços dos alimentos que compõem a cesta básica no Nordeste foram: tomate (+41,4%) em Recife, feijão (+17,6%) em São Luís, banana (+7,6%) em João Pessoa e pão (+2,4%) em Fortaleza. Os principais declínios de preços foram verificados na banana (-3,1%) em Aracaju, leite (-2,2%) em Fortaleza e carne (-1,9%) em São Luís.

As variações mais expressivas de preços dos alimentos nos últimos 12 meses finalizados em março foram: leite (+17,5%) em São Luís; tomate (+16,9%) em São Luís; carne (+10,3%) em Salvador; e banana (+8,2%) em São Luís. As principais reduções foram verificadas nos preços da banana (-31,0%) em Salvador; feijão (-13,3%) em São Luís; pão (-4,8%) em São Luís; e carne (-3,7%) em São Luís.

O Departamento Intersindical de Estudos Socioeconômicos (DIEESE) acompanha mensalmente a evolução dos preços de treze produtos alimentícios, assim como o gasto mensal para adquiri-los nas capitais do País.

Com isso, calcula-se a cesta básica de alimentos, que corresponde ao preço de uma ração alimentar composta por esses produtos. O Banco do Nordeste/ETENE construiu o valor da referida cesta para o Brasil e para as cinco regiões do País.

Tabela 1 - Valor da Cesta Básica no Brasil e Regiões

Valor da Cesta Básica no Brasil e Regiões							
Período	Brasil	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	
<b>2018</b>	Jan	403,80	360,74	358,66	397,15	439,86	421,56
	Fev	401,81	366,09	358,83	391,10	437,04	412,86
	Mar	399,66	361,82	350,06	389,91	437,82	417,45
	Abr	396,86	362,90	344,69	388,78	435,54	412,03
	Mai	401,58	361,70	350,69	393,46	440,76	418,26
	Jun	408,56	373,47	357,58	397,83	446,51	429,50
	Jul	393,21	357,58	346,31	381,37	429,82	411,04
	Ago	388,50	360,22	338,84	376,85	424,78	406,16
	Set	388,21	359,51	335,74	379,03	425,33	407,04
	Out	402,37	361,69	347,35	392,91	442,84	428,54
	Nov	418,38	372,23	355,36	411,59	465,17	439,08
	Dez	422,70	382,30	358,31	420,81	467,82	441,37
<b>2019</b>	Jan	421,45	384,77	366,03	417,00	464,01	421,39
	Fev	432,81	383,76	382,35	426,26	476,62	431,21
	Mar	459,79	408,66	405,33	458,78	504,36	461,25
Variação da Cesta Básica (%)							
% Mar	6,2	6,5	6,0	7,6	5,8	7,0	
% 2019	8,9	7,5	9,8	10,3	9,2	4,2	
% 12 meses	3,0	1,7	0,4	3,5	4,6	2,1	

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do DIEESE.